

GEORGE HENRIQUE NAGAMURA

**ANÁLISE FUNCIONAL DOS EVIDENCIAIS E
MODALIZADORES NO DISCURSO DA AUTOAJUDA DA
SAÚDE**

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Câmpus de São José do Rio Preto, para obtenção do título de Mestre em Estudos Lingüísticos (Área de Concentração: Análise Linguística)

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Marize M. Dall'Aglio-Hattner

São José do Rio Preto
2011

Nagamura, George Henrique.

Análise funcional dos evidenciais e modalizadores no discurso da autoajuda da saúde / George Henrique Nagamura. - São José do Rio Preto : [s.n.], 2011.

89 f.: il. ; 30 cm.

Orientador: Marize Mattos Dall'Aglio-Hattner

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Linguística. 2. Análise do discurso. 3. Funcionalismo (Linguística). 4. Modalidade (Linguística). I. Dall'Aglio-Hattner, Marize Mattos. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. III. Título.

CDU – 81'42

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IBILCE
Campus de São José do Rio Preto - UNESP

COMISSÃO JULGADORA

Titulares

Prof^ª. Dr^ª. Marize M. Dall'Aglio-Hattnher - Orientador (UNESP)
Prof^ª. Dr^ª. Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale (UFSCar)
Prof^ª. Dr^ª. Anna Flora Brunelli (UNESP)

Suplentes

Prof^ª. Dr^ª. Taísa Peres de Oliveira (UFMS)
Prof^ª. Dr^ª. Sandra Denise Gasparini-Bastos (UNESP)

Aos meus pais, por sempre terem valorizado o conhecimento, e à memória de Adriana, minha primeira amiga, dedico este trabalho

AGRADECIMENTOS

À Marize, antes de tudo, por todo o empenho dedicado a este trabalho, por ter me ensinado a ser um melhor pesquisador, sempre respeitando a minha independência intelectual, pelas palavras de apoio e conselhos, pelos momentos de descontração e por toda a dedicação que me foi dada;

aos familiares, em especial, meus pais e irmãos, pelo apoio incondicional, mesmo nos meus momentos menos brilhantes, e por todo amor que recebi de vocês. Aos meus tios e tias de Rio Preto, pelo apoio que recebi, pelos conselhos valorosos do meu tio Paulo, e por todo incômodo que devo ter causado;

à Gi, minha companheira de vida, por seu carinho e amor, e pelos sete anos que vem me suportando;

aos meus amigos de São Paulo, pelas décadas de amizade, carinho, música e boas risadas; aos meus amigos da faculdade, que, em tão pouco tempo, se tornaram tão importantes para mim, em especial, Ro e Marcão, meus novos irmãos;

à Anna Flora, por ter enxergado em mim o linguista que não sabia que era, por seus ensinamentos, pelos conselhos e por sua inestimável amizade;

aos professores do Ibilce, em especial, Carlos, Sandra, Fabiana, pela amizade que cresceu com o trabalho no GEL, à Gisèle e ao Manolo, e todos os demais professores, por todo o conhecimento transmitido e seu carinho;

à Flávia, pela amizade e pelas observações que nortearam esse trabalho;

aos funcionários da seção de Pós-Graduação, pelo atendimento prestativo e competente;

ao Sensei Jorge, pela disciplina e ensinamentos;

a todos outros, que, infelizmente, não pude citar aqui, meu muito obrigado.

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é analisar o funcionamento dos evidenciais e modalizadores no discurso da autoajuda, comparando o uso dessas categorias em dois tipos temáticos desse discurso. O primeiro tipo, o qual denominamos autoajuda genérica, refere a obras em que não há uma especificação dos tipos de objetivos que se pretende alcançar com a aplicação dos métodos propostos pela autoajuda. O segundo tipo, denominado autoajuda da saúde, se refere a obras em que o objetivo é a cura e prevenção de doenças. A hipótese de que partimos é a de que a escolha temática irá influenciar na manifestação da modalidade e da evidencialidade, uma vez que essa escolha implica em relações interdiscursivas específicas. Para a análise dessas categorias, utilizamos a abordagem da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), por se tratar de uma abordagem estratificada do enunciado, possibilitando, dessa forma, melhor compreensão dos diversos efeitos de sentido gerados por cada tipo de modalizador e evidencial. Como resultado de nossa análise, vimos que a relação interdiscursiva da autoajuda da saúde com o discurso médico influenciou a escolha dos modalizadores epistêmicos, com a preferência do enunciador da autoajuda da saúde por modalizadores objetivos, manifestando baixo comprometimento com relação à avaliação realizada. A relação com o discurso médico, influenciou também a escolha dos evidenciais, havendo a preferência do enunciador da autoajuda da saúde por evidenciais reportativos, buscando, assim, aparentar maior cientificidade do que o enunciador da autoajuda genérica. Outra diferença no comportamento dos modalizadores se deu nos domínios deôntico e dinâmico, para os quais constatamos uma maior imposição por parte do enunciador da autoajuda genérica.

PALAVRAS-CHAVE: modalidade; evidencialidade; Gramática Discursivo-Funcional; discurso; autoajuda

ABSTRACT

The objective of the present work is to analyze the functioning of evidentials and modalizers in the discourse of Self-help, comparing how these categories are used in two different theme-specified types of the afore mentioned discourse. The first type, denominated Generic Self-help, refers to books in which the type of goals to be attained through self-help is not specified, ranging from financial success to happiness, love, or any other type of goal. The second type, denominated Health Self-help, refers to books in which the sole objective is to cure and prevent diseases. The working hypothesis is that by choosing a certain theme, the interdiscursive relationships will also be different, resulting in different choices in the use of evidentials and modalizers. In order to analyze these categories, we have adopted the approach of Discursive Functional Grammar (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), for its stratified view of the utterance allows to capture effectively the various effect senses produced by the different types of modalizers and evidentials. As a result of the analysis, we observed that the relationship with the medical discourse in the Health Self-Help discourse influenced in the use of epistemic modality, with the preference for objective modalizers. Moreover, the medical discourse influenced in the use of evidentials, noticed by the preference in the Health Self-help discourse for reportative evidentials. Also it was noticed the difference in the use of deontic and dynamic modalities, with the preference for more imposing forms in the Generic Self-help. Since the two theme-specified types are from the same discourse, we found also similarities in the use of evidentials and modalizers, the most important one being the compromise with certainty evaluations in opposition to the lack of commitment to uncertainty evaluations.

Key-words: modality, evidentiality, Discourse Functional Grammar, discourse, Self-help

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
CAPÍTULO I: AS GRAMÁTICAS FUNCIONAIS.....	04
1. AS ABORDAGENS FUNCIONAIS.....	04
1.1. A Gramática Funcional (Dik, 1989, 1997).....	05
1.2. A Gramática Discursivo-Funcional (Hengeveld, 2008).....	09
CAPÍTULO II: AS QUALIFICAÇÕES MODAL E EVIDENCIAL.....	15
1. AS MODALIDADES.....	15
1.1. O valor subjetivo das modalidades.....	18
2. A EVIDENCIALIDADE.....	31
3. MODALIDADE E EVIDENCIALIDADE NA GDF.....	32
CAPÍTULO III: O DISCURSO DA AUTOAJUDA DA SAÚDE.....	39
1. O DISCURSO DA AUTOAJUDA.....	39
2. A AUTOAJUDA DA SAÚDE.....	43
CAPÍTULO IV: MODALIDADE E DA EVIDENCIALIDADE NO DISCURSO DA AUTOAJUDA DA SAÚDE.....	47
1. CONSTITUIÇÃO DO CORPUS E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE.....	47
1.1. Categorias de análise dos Modalizadores.....	48
1.2. Categorias de análise dos Evidenciais.....	53
2. ANÁLISE DOS DADOS.....	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	87

INTRODUÇÃO

Os livros de autoajuda propõem que, por meio do poder da mente, é possível alcançar quaisquer objetivos, tais como enriquecer, conseguir um emprego, melhorar a vida social e afetiva etc. Devido ao crescimento do sucesso da autoajuda, houve uma propagação de títulos e, dessa forma, surgiram livros de autoajuda com temáticas específicas. Um dos temas escolhido por diversos autores é a saúde: como prevenir ou curar doenças utilizando o poder da mente.

Embora a crença no poder da mente para promover mudanças seja sempre a mesma em todos os livros de autoajuda, acreditamos que as diferentes temáticas sejam responsáveis por diferentes estratégias sintáticas e semânticas na construção da argumentação. Sendo assim, o objetivo do presente trabalho é analisar o funcionamento dos evidenciais e dos modalizadores epistêmicos, deônticos, dinâmicos e volitivos no discurso da autoajuda, correlacionando os efeitos de sentido dessas construções com as relações interdiscursivas de dois tipos de discurso da autoajuda: um com temática genérica e outro com temática relacionada à saúde. Por se tratar do mesmo tipo de discurso, o da autoajuda, acreditamos que o uso de modalizadores e evidenciais apresentará semelhanças, especialmente com relação à expressão da modalidade epistêmica. Por outro lado, acreditamos, também, que a escolha temática dentro do discurso da autoajuda implicará em relações interdiscursivas distintas, resultando em estratégias diferentes na expressão da modalidade e evidencialidade. A

hipótese que sustentamos é a de que o enunciador da autoajuda da saúde, antecipando possíveis contestações sobre as teses que apresenta, irá buscar imprimir cientificidade à sua argumentação de maneira diferente do enunciador da autoajuda genérica. A respeito dessa antecipação, Bakhtin (1998, p. 86) esclarece que

todo discurso concreto (enunciação) encontra aquele objeto para o qual está voltado, sempre, por assim dizer, desacreditado, contestado, avaliado, envolvido por sua névoa escura ou, pelo contrário, iluminado pelos discursos de outrem que já falaram sobre ele. [...] Ele se entrelaça com eles em interações complexas, fundindo-se com uns, isolando-se de outros, cruzando com terceiros; e tudo isso pode formar substancialmente o discurso, penetrar em todos os seus estratos semânticos, tornar complexa a sua expressão, influenciar todo o seu aspecto estilístico.

Assim, o discurso da autoajuda da saúde dialoga com o discurso da ciência na medida em que é contestado por esse discurso, que o influencia em determinados aspectos estilísticos. Acreditamos que essa relação interdiscursiva irá atuar, principalmente, na escolha dos modalizadores epistêmicos e evidenciais, sendo ambos relacionados ao campo do conhecimento.

Secundariamente, investigaremos se a relação com o discurso da ciência influencia, também, o uso dos modalizadores deônticos e dinâmicos, podendo essa relação afetar a diretividade do discurso da autoajuda. Acreditamos que o discurso da autoajuda genérica será mais impositivo do que o discurso da autoajuda da saúde, sendo essa impositividade marcada pela escolha dos modalizadores de dever e capacidade.

A análise da modalidade e da evidencialidade será feita com base teórica na Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF). No modelo de gramática proposto pela GDF, os diferentes tipos de modalidade e evidencialidade são alojados em diferentes níveis ou camadas. A partir da classificação proposta pela GDF e dos princípios analíticos desse modelo, analisaremos as ocorrências de modalizadores e evidenciais, buscando evidências

que possam comprovar usos específicos do discurso da autoajuda genérica e da autoajuda da saúde.

Para descrever os discursos da autoajuda, selecionamos diversas obras, baseando-nos na proposição do tema e em uma pré-análise de seu conteúdo. Na pré-análise, verificamos a presença de teses relacionadas à corrente do Novo Pensamento, teoria que deu origem à literatura de autoajuda como a conhecemos hoje (ver Capítulo III). As obras com que trabalhamos foram: Ribeiro (1992), Prado (1995), Ricardino (1997) e Oliveira (1997), representando a autoajuda genérica, e Cairo (1999), Gasparetto e Valcapelli (2003) e Trevisan (1998), representando a autoajuda da saúde.

Uma vez caracterizadas essas duas temáticas do discurso da autoajuda, selecionamos uma obra de cada tema para analisar o comportamento das duas categorias qualificacionais em exame, a modalidade e a evidencialidade. As obras selecionadas foram Oliveira (1997) e Gasparetto e Valcapelli (2003).

Este trabalho está organizado da seguinte forma: no Capítulo I, apresentamos o aparato teórico que embasa nosso estudo. No Capítulo II, apresentamos as qualificações do discurso que serão estudadas, ou seja, a evidencialidade e as modalidades, primeiramente com uma abordagem mais geral e, em seguida, com o tratamento específico dessas qualificações na Gramática Discursivo-Funcional. No Capítulo III, iniciamos nossa análise, caracterizando o discurso da autoajuda genérica e o discurso da autoajuda da saúde. A análise das qualificações evidencial e modal é feita no Capítulo IV, em que investigamos os efeitos de sentido de cada uma delas; por fim, apresentamos nossas considerações finais.

CAPÍTULO I

AS GRAMÁTICAS FUNCIONAIS

1 AS ABORDAGENS FUNCIONAIS

Existem tantas e diversas abordagens teóricas funcionais que se torna difícil conceber o que é, exatamente, o funcionalismo. A pergunta que se coloca é: o que há de comum entre essas abordagens? Pezatti (2004, p. 167) refuta uma das respostas oferecidas, a de que o ponto comum seria a oposição ao Gerativismo de Chomsky, observando que as abordagens funcionais já existiam antes do nascimento dessa teoria, nos anos 50. A autora explica que o ponto comum, na realidade, seriam duas posições caras aos estudos funcionalistas: primeiro, a concepção de língua como instrumento de interação social; segundo, o estabelecimento de estudos baseados no uso real da língua. Esses dois pontos são fundamentais e permearão todo o presente trabalho, que se assenta em uma das vertentes do funcionalismo, mais especificamente, no chamado funcionalismo holandês, compreendido pela Gramática Funcional (GF) de Dik (1989, 1997) e pela Gramática Discursivo-Funcional (GDF) de Hengeveld e Mackenzie (2008). Esses dois modelos compartilham com a Gramática de Papel e Referência de Van Valin e LaPolla (1997) e com a Gramática Sistêmico-Funcional de Halliday (1970, 1985) o conceito de estrutura estratificada da oração, constituindo-se, desse

modo, em instrumental perfeitamente adequado para a análise das qualificações modal e evidencial, conforme se verá adiante.

1.1 A Gramática Funcional (Dik, 1989, 1997)

De acordo com Dik (1997), quando o linguista adota uma abordagem funcionalista, a pergunta fundamental a ser formulada é: de que maneira opera o usuário de língua natural (NLU)?. O uso desta língua, como aponta Dik, não é tão simples e envolve diversas capacidades, que caracterizam esse usuário como diferente de um mero “animal linguístico”. Essas capacidades são: capacidade epistêmica (de derivar conhecimentos a partir de expressões linguísticas, armazená-las e recuperá-las); capacidade lógica (de extrair novos conhecimentos a partir de outras parcelas de conhecimento, utilizando regras de lógica dedutiva e probabilística); capacidade perceptual (de derivar conhecimentos de suas percepções sobre o ambiente e utilizá-los para produzir e interpretar expressões linguísticas); e capacidade social (o usuário sabe o que dizer e como dizer a outro usuário para atingir seus objetivos comunicativos). Essas diferentes capacidades interagem com a capacidade linguística (que permite a produção e interpretação das expressões linguísticas), gerando o *output* necessário para o uso do sistema linguístico.

O modelo da GF padrão de Dik funciona de maneira ascendente (*bottom-up*), estabelecendo, primeiro, um predicado, ao qual são adicionados termos (ou entidades), formando-se a predicação nuclear, designando um estado-de-coisas. Em seguida, são adicionados opcionalmente satélites – distinções expressas lexicalmente - de predicado (σ_1), formando-se, dessa forma, a predicação central, que designa um estado-de-coisas qualificado. À predicação central podem ser adicionados satélites de predicação (σ_2), formando a predicação estendida, que designa um estado-de-coisas qualificado situado no tempo e espaço.

Essas formações servirão de insumo para que o falante crie uma proposição, que pode ser avaliada em termos de sua verdade e pode ser expandida, opcionalmente, por satélites de proposição (σ 3). À proposição é adicionada uma força ilocucionária básica, resultando, por fim, em um ato de fala. Cada um dos níveis descritos acima pode apresentar também seus respectivos operadores, que concernem a distinções expressas gramaticalmente.

Podemos resumir essa estrutura hierárquica da seguinte forma:

Unidade estrutural	Tipo de entidade	Ordem	Variável
Oração	ato de fala	4	Ei, Ej...
Proposição	fato possível	3	Xi, Xj...
Predicação	estado de coisas	2	ei, ej...
Predicado	propriedade/relação	1	xi, xj...
Termo	Entidade	0	fī, fj...

Quadro 1: estrutura do enunciado em DIK (1997)

A GF tem como objetivo descrever e explicar as línguas naturais de maneira pragmática e psicologicamente adequada. Dik (1997, p. 409) reconhece que, mesmo que existisse uma teoria ideal da oração, essa teoria não seria suficiente para alcançar o objetivo proposto pela GF, uma vez que as orações são sensíveis, em sua estrutura interna, a uma variedade de fatores discursivos.

O que se entende como discurso, na GF, é a combinação de extensões mais longas e complexas de orações (DIK, 1997, p. 409), sendo muito mais do que uma mera sequência arbitrária delas. De acordo com Dik, as construções linguísticas são governadas pelo sistema pragmático de interação, adequando as expressões linguísticas às intenções comunicativas do falante.

Embora não os adicione ao seu modelo teórico, Dik propõe, no último capítulo da GF, uma série de elementos que deverão ser levados em conta para que se elabore uma gramática funcional do discurso. Primeiramente, o autor salienta alguns aspectos importantes do modelo de interação verbal proposto na GF, que reproduzimos abaixo:

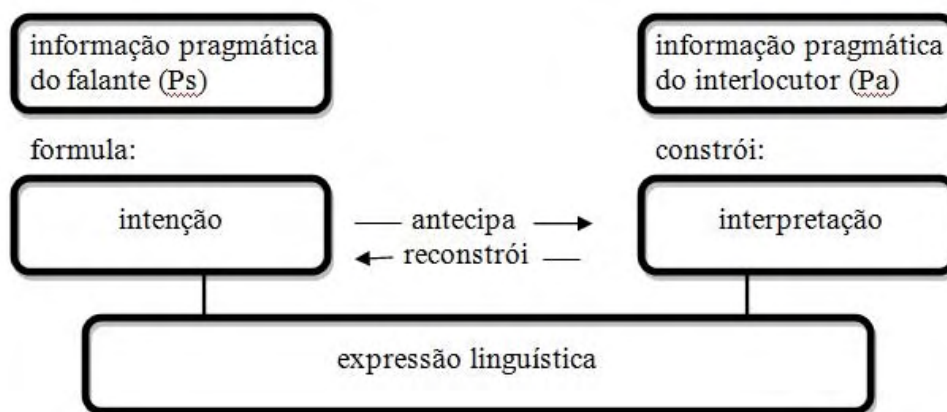


Figura 1: Modelo de interação verbal da GF (DIK, 1989, p.8)

Nesse modelo, vemos que o falante formula uma intenção que é codificada em uma expressão linguística com base em seu conhecimento pragmático e na antecipação do possível conhecimento pragmático de seu interlocutor e de como ele irá interpretar a expressão linguística realizada. O interlocutor, por sua vez, realiza a interpretação com base em seu próprio conhecimento pragmático e, da mesma forma, cria uma hipótese sobre o conhecimento pragmático do falante.

A importância desse modelo para o estudo do discurso é que, de acordo com ele, nenhum discurso é interpretável apenas com base em seu "conteúdo intrínseco". Há que se levar em conta os diversos conhecimentos pragmáticos dos participantes da interação.

A informação pragmática pode ser dividida em dois subtipos:

- Informações de longo prazo: possuídas pelos participantes antes de entrarem em interação, envolvem os conhecimentos linguístico (lexical, gramatical e pragmático) e não-linguístico (referencial, episódico e geral).
- Informações de curto prazo: derivadas do evento comunicativo e da situação em que se realiza, envolvem os conhecimentos situacional (o que pode ser percebido e inferido da situação comunicativa) e textual (conhecimento adquirido durante o evento comunicativo, também pode ser referencial, episódico e geral).

Dik (1997, p. 413) também considera que os participantes de uma interação comunicativa ativam e recuperam informações de longo prazo para a produção e interpretação da expressão linguística, criam um modelo mental de curto prazo (também chamado de Modelo Discursivo) do que é transmitido no discurso para, então, atualizar suas informações de longo prazo (caso seja conveniente).

Por fim, o autor apresenta três perspectivas sobre o estudo do discurso, que ele considera complementares entre si. A primeira perspectiva é uma abordagem construtiva e pode ser resumida na seguinte questão: quais decisões do falante têm efeito no conjunto de orações como um todo (e não em uma oração individual)? Por essa perspectiva, questiona-se, por exemplo, como é o controle do turno (quem pode falar e quando), a escolha de gênero textual, estilo, força ilocucionária, tempo verbal e introdução e manutenção de tópicos.

A segunda perspectiva refere-se à organização geral do discurso, sendo considerado como um produto finito, e pode ser resumida à seguinte questão: quando um discurso é tido como um produto finito, quais tipos de padrão estrutural podem ser distinguidos? Em outras palavras, a pergunta é se há uma organização estrutural do discurso que possa ser hierarquicamente organizada.

A terceira perspectiva refere-se à noção de coerência discursiva e pode ser resumida na seguinte questão: que fatores contribuem para a coerência de um discurso, tanto localmente (a continuidade ou descontinuidade entre orações), como globalmente (coerência entre episódios)?

É interessante notar como essas perspectivas, especialmente a segunda, tiveram influência na arquitetura da GDF. Observa-se, por exemplo, que as duas primeiras unidades do discurso propostas por Dik são o nível interpessoal e o representacional, que possuem subdivisões similares às presentes na GDF, como atos de fala, episódios e proposições, conforme se verá a seguir.

1.2 A Gramática Discursivo-Funcional (Hengeveld e Mackenzie, 2008)

A GDF, de Hengeveld e Mackenzie (2008), é concebida como o componente gramatical de um modelo de interação verbal, que se liga a um componente conceitual, um componente contextual e um componente de saída. A GDF apresenta uma estrutura rigorosamente *top-down*, iniciando com a intenção do falante (no componente conceitual), passando pelo componente gramatical e interagindo com o componente contextual, até a articulação (componente de saída). De acordo com estudos de psicolinguística, esse modo de organização se parece mais com o processamento da língua no indivíduo. Isso também se reflete na estrutura do componente gramatical, na qual as escolhas pragmáticas determinam as escolhas semânticas, que por sua vez serão codificadas no nível morfossintático e, por fim, fonológico. Essa estrutura é apresentada de forma visual na Figura 2, abaixo:

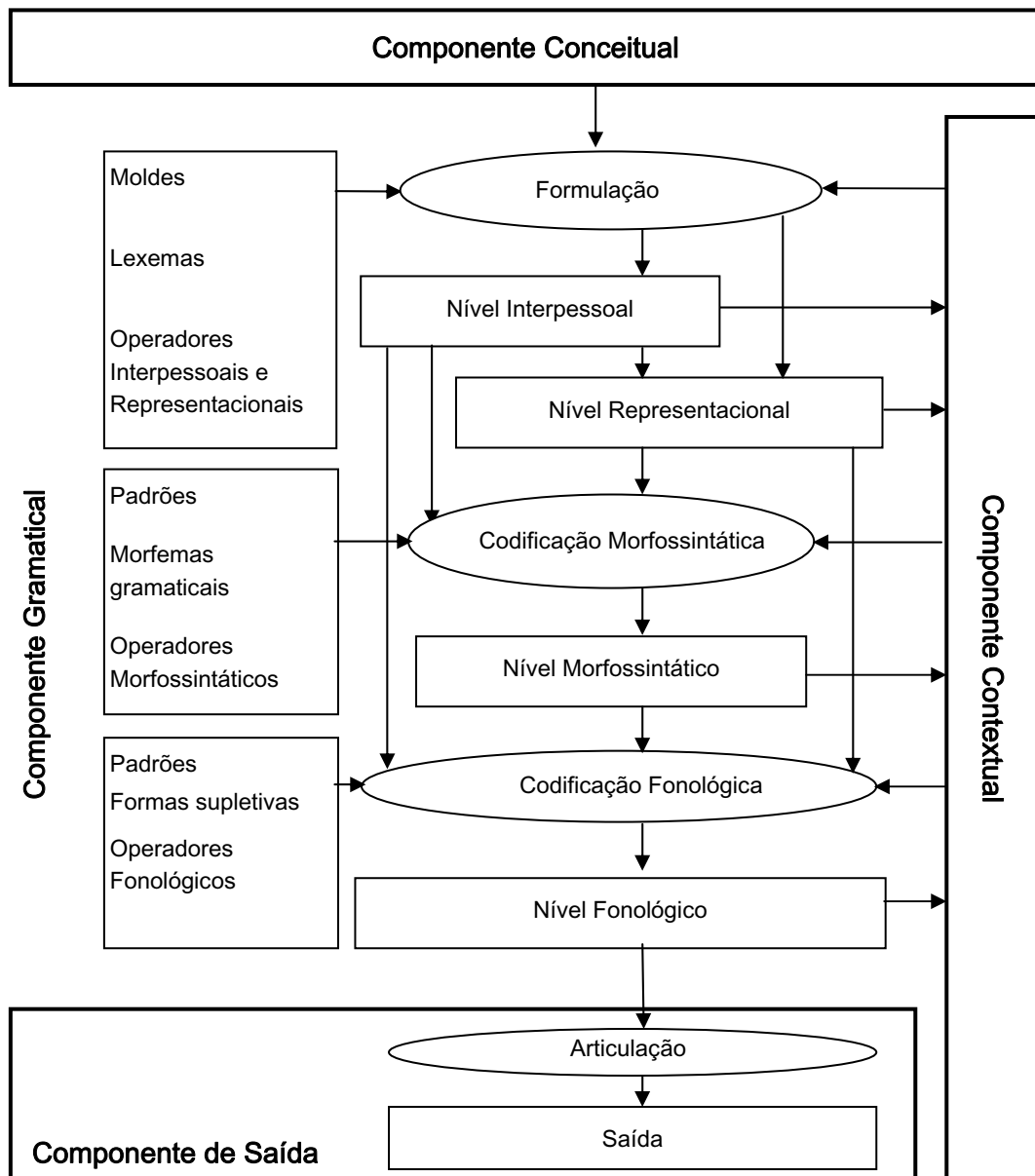


Figura 2: Esquema geral da GDF

A estrutura da GDF é dividida em níveis e camadas. Cada nível é estruturado de maneira diferente, com suas próprias camadas, sempre organizadas hierarquicamente. Em sua formação máxima, a estrutura geral das camadas se dá da seguinte forma:

$$(13) \quad (\pi \, v1: [\text{head} \, (v1)\Phi]: [\sigma \, (v1)\Phi])$$

Neste esquema, $v1$ representa a variável da camada em questão, que é restringida por um núcleo (*head*), que pode, ainda, ser restringida por um modificador (σ), que toma a variável como seu argumento. As camadas podem, ainda, ser especificadas por meio de um operador

(π) e carregar uma função (Φ). Enquanto os núcleos e os modificadores são estratégias lexicais, os operadores e as funções são estratégias gramaticais. Embora, de maneira geral, a estrutura das camadas seja organizada de forma hierárquica, há também relações de equipolência, como, por exemplo, a relação entre o núcleo e o modificador. As relações de equipolência são representadas por colchetes.

São quatro os níveis descritos na GDF, a saber, o Interpessoal, o Representacional, o Morfossintático e o Fonológico. Tendo em vista os objetivos deste trabalho, restringiremos a discussão da GDF aos níveis Interpessoal e Representacional, suficientes para a análise das qualificações evidencial e modal. Por hora, basta saber que os níveis Morfossintático e Fonológico se encarregam da codificação do conteúdo gerados nos níveis Interpessoal e Representacional e que esses dois níveis de codificação também possuem sua própria estrutura em camadas.

O nível Interpessoal captura todas as distinções que se referem à interação entre o falante e o ouvinte. A camada mais alta deste nível é o Movimento (M), que pode ser definido como uma contribuição autônoma para a interação em curso. Pode tanto pedir uma reação, quanto ser a própria reação a outro pedido. Um Movimento pode ser composto de um ou mais Atos discursivos (A), que constituem a camada seguinte. Cada Ato discursivo pode conter os seguintes componentes (todos em relação de equipolência): uma Ilocução (F), o Falante (P_S), o Ouvinte (P_A) e o Conteúdo comunicado (C). Considerando a referência e a atribuição como ações pragmáticas, isto é, que provocam mudanças na informação pragmática do ouvinte, a GDF inclui os subatos de Referência (R) e Atribuição (T) como uma camada abaixo do Conteúdo Comunicado. Podemos resumir essa descrição da seguinte forma:

(π M1: [	Movimento
(π A1: [	Ato discursivo
(π F1: ILL (F1): Σ (F1))	Ilocução
(π P1: ... (P1): Σ (P1))S	Falante
(π P2: ... (P2): Σ (P2))A	Ouvinte
(π C1: [	Conteúdo comunicado
(π T1: [...] (T1): Σ (T1)) Φ	Subato atributivo
(π R1: [...] (R1): Σ (R1)) Φ	Subato referencial
] (C1): Σ (C1)) Φ	Conteúdo comunicado
] (A1): Σ (A1)) Φ	Ato discursivo
] (M1): Σ (M1))	Movimento

O nível Representacional lida com o aspecto semântico das unidades linguísticas. Enquanto no nível Interpessoal é realizada a evocação, no nível Representacional é realizada a designação. O nível Representacional inicia com a camada do Conteúdo Proposicional (p) e se refere a crenças, esperanças e outros tipos de construções mentais. Os Conteúdos Proposicionais contêm Episódios (ep), conjuntos de estados-de-coisas (e) tematicamente coerentes que mostram continuidade de Tempo (t), Local (l) e Indivíduos (x). Os Estados-de-Coisas incluem eventos e estados que são caracterizados pelo fato de poderem ser localizados no tempo e poderem ser avaliados em termos de seu estatuto de realidade. Um estado-de-coisas é caracterizado por uma propriedade configuracional (f), que contém uma combinação de unidades semânticas que não estão em relação hierárquica entre si. As propriedades configuracionais constituem o inventário de esquemas de predicação relevantes para uma língua, permitidas de acordo com a valência qualitativa ou quantitativa, e são constituídas por categorias semânticas em relação não-hierárquica. Essas categorias podem ser Indivíduos (x), Propriedades lexicais (f), Local (l), Tempo (t), Modo (m), Razão (r), ou Quantidade (q). Podemos resumir o que foi exposto acima da seguinte forma:

(π p1:	Conteúdo proposicional
(π ep1:	Episódio
(π e1:	Estado-de-coisas
[(π f1: [	Propriedade configuracional
(π f1: $\blacklozenge$ (f1): [σ (f1) Φ])	Propriedade lexical
(π x1: $\blacklozenge$ (x1): [σ (x1) Φ]) Φ	Indivíduo
...	
] (f1): [σ (f1) Φ])	Propriedade configuracional
(e1) Φ : [σ (e1) Φ])	Estado-de-coisas
(ep1): [σ (ep1) Φ])	Episódio
(p1): [σ (p1) Φ])	Conteúdo proposicional

Os modelos apresentados acima permitem a melhor compreensão do fenômeno da modalidade e evidencialidade, uma vez que essas categorias estão intimamente ligadas à expressão da subjetividade do falante. Ao distinguir os níveis Representacional do Interpessoal, podemos perceber a atuação das qualificações, respectivamente, no conteúdo do enunciado e na manutenção das relações sociais.

A classificação em camadas, também, permite identificar o escopo da avaliação realizada por meios modais e evidenciais. Os modalizadores, por exemplo, podem qualificar uma proposição, ou seja, um construto mental, ou um estado-de-coisas, um evento que pode ser localizado no tempo e no espaço, ou ainda, os participantes de um estado-de-coisas.

Além disso, é importante ressaltar que os modelos apresentados admitem as análises das relações interdiscursivas que serão apresentadas no presente trabalho. Embora não mencione diretamente o discurso, a GDF admite sua influência no componente gramatical, por meio do Componente Contextual, mencionado anteriormente. Hengeveld e Mackenzie (2008, p.10) dão um exemplo do espanhol de como o Componente Contextual pode interferir nas escolhas gramaticais :

- (12) !Qué pálid-a est-ás!
 what pale-f.sg cop-ind.prs.2.sg.fam

A escolha entre a forma de respeito "está" e a forma familiar "estás" mostra como regras exteriores à gramática podem influenciar na codificação da expressão linguística. Os autores da GDF não determinam exatamente quais são os tipos de "regra" que fazem parte do Componente Contextual. Aliás, os autores advertem que criar um modelo para esse componente seria privá-lo de seu potencial (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 10).

Neste capítulo, apresentamos o aparato teórico com que trabalhamos, apresentando a estruturação do enunciado em níveis e camadas, que permitiu, em nossa análise, identificar os diversos efeitos de sentido dos modalizadores e evidenciais. Por outro lado, mostramos como a abordagem adotada admite a influência do discurso nas escolhas gramaticais. Passaremos, então, à apresentação das categorias em análise.

CAPÍTULO II

AS QUALIFICAÇÕES MODAL E EVIDENCIAL

1. AS MODALIDADES

Antes de situarmos a modalidade e a evidencialidade na GDF, é necessário termos um conceito operacional para essas duas categorias. No entanto, esta tarefa não é nada fácil, como atestam grande parte dos trabalhos que tratam desses temas. Cervoni (1989), por exemplo, inicia seu texto sobre modalidades com o subtítulo “Definição provisória”, e acrescenta em seguida: “A maioria dos linguistas que abordam a modalidade enfatizam que se trata de um campo particularmente difícil de apreender e apresentam o ponto de vista que adotam como provisório, experimental, *heurístico*.” (CERVONI, 1989, p.55).

Feita essa ressalva, o autor considera a modalidade como uma manifestação de subjetividade sobre um conteúdo dito, ou seja, trata-se da expressão de um ponto de vista do sujeito a respeito desse conteúdo. Essa definição, porém, tem o inconveniente de ser muito ampla, pois abarca outros conceitos ligados à subjetividade, tal como a conotação. O autor afirma, então, que é necessário fazer uma série de exclusões para restringir o conceito de modalidade. Outra alternativa que o autor sugere para o tratamento da questão é um retorno à concepção de modalidade dos lógicos, a modalidade aristotélica.

De fato, com base nas modalidades aristotélicas, vários estudos foram propostos, com diferentes abordagens e, conseqüentemente, diferentes formas de conceituar a modalidade, alguns privilegiando a sintaxe e outros, a semântica. Outros, ainda, como Dall’Aglio-Hattner

(1995), reconhecem a deficiência de se trabalhar somente com um ou outro aspecto diante da complexidade do fenômeno a ser estudado. A esse respeito, a autora afirma:

Observa-se, portanto, que a distribuição sintática irregular das formas modalizadoras nos permite considerar as modalidades como um fenômeno linguístico resistente a uma abordagem puramente sintática, assim como a polissemia dessas formas também inviabiliza uma sistematização feita exclusivamente a partir da análise semântica. O caminho parece ser, então, a busca de uma sistematização sintática, semântica e pragmática das modalidades. (DALL'AGLIO-HATTNER, 1995, p.18)

A concepção que se tem de língua, obviamente, também influencia a seleção da abordagem a ser adotada. De acordo com a nossa concepção de língua, que é a dialógica, entendemos que a linguagem e os sujeitos que a utilizam (dentro de um grupo social) não cessam de construir o universo referencial, criando ‘modelos de realidade’ relativamente arbitrários, com relação aos quais (e apenas com relação a eles) se torna possível determinar o valor de verdade/falsidade do que se enuncia (CORACINI, 1991, p.120), o que nos leva a um tipo de análise que considere o discurso e o contexto de enunciação. Assim, a modalidade não se limita apenas à expressão da subjetividade do falante, mas também diz respeito ao caráter arbitrário e produtivo da língua. De acordo com o discurso a partir do qual enuncia, o enunciador irá veicular sua atitude em relação ao que é dito, por vezes comprometendo-se, ou afastando-se, de acordo com a estratégia discursiva que esteja empregando.

Basicamente, as modalidades têm sido divididas em aléticas, epistêmicas e deônticas. As **aléticas**, que dizem respeito à verdade do conteúdo enunciado, têm papel fundamental no estudo da lógica, embora sejam pouco relevantes para a linguística, pois, como adverte Neves (2000, p.3), “é improvável que um conteúdo asseverado em um ato de fala seja portador de uma verdade não filtrada pelo conhecimento, e pelo julgamento do falante”.

As modalidades **deônticas**, que dizem respeito ao obrigatório, ao proibido, ao facultativo, e ao permitido, estão relacionadas ao eixo da conduta. De acordo com Lyons

(1977), a modalidade deôntica se aplica a uma proposição relacionada à necessidade ou à possibilidade de atos realizados por agentes moralmente responsáveis. Essa proposição, no entanto, descreve não um ato propriamente dito, mas o estado-de-coisas que será obtido se esse ato em questão for cumprido.

As **epistêmicas**, relativas ao certo, ao excluído, ao plausível, ao contestável, dizem respeito ao eixo do conhecimento ou da crença. De acordo com Dall'Aglio-Hattner (1995), o eixo do conhecimento epistêmico é definido como um *continuum* entre o *certo* e o *possível*, sendo a gradação entre esses valores bastante sutil, ficando sua percepção dificultada, também, pela grande variedade de formas de que o falante dispõe para expressar esses valores.

Alguns autores (QUIRK, 1985; PALMER, 1986; HALLIDAY, 1985) identificam, no paradigma da modalidade deôntica, um subtipo de modalidade denominada **volitiva** ou *buloumaica*, ligada à expressão dos desejos, esperanças, medos etc., entendendo que a modalidade deôntica envolve um elemento de vontade. Outros autores (LYONS, 1968; HENGVELD e MACKENZIE, 2008) identificam a modalidade volitiva como um tipo específico de modalidade. Casimiro (2007), analisando a manifestação desses dois tipos de modalidade no discurso político, considera que alguns traços podem caracterizar essas duas modalidades como distintas. A principal diferença, segundo o autor, é a presença de uma fonte e um alvo da qualificação na modalidade deôntica e de apenas uma fonte da qualificação na modalidade volitiva. Outra característica importante, que confirma a diferença entre esses dois valores modais, é a possibilidade de sobremodalização dos verbos volitivos *querer* e *esperar* sobre o verbo deôntico *poder*. Ainda no mesmo estudo, Casimiro reconhece que os modalizadores volitivos podem assumir um valor deôntico, em situações em que se pode reconhecer a presença de uma fonte e um alvo da volição, especialmente quando a origem da volição localiza-se em uma posição hierárquica de superioridade em relação ao alvo.

Existe, ainda, outra modalidade, proposta por Palmer (1979), denominada modalidade **dinâmica**, que se refere à capacidade/habilidade de um ser animado, ou mesmo inanimado, para tornar concreta uma determinada realidade. Segundo Neves (2000), do ponto de vista pragmático, existe um vínculo especial entre a modalidade dinâmica e a epistêmica. Esse vínculo se estabelece verticalmente, em função de uma relação de pressuposição entre as duas modalidades: o falante acredita (modalidade epistêmica) que alguém fará algo porque sabe que esse alguém está capacitado (modalidade dinâmica) para tal. Essa estreita relação com a modalidade epistêmica faz a dinâmica manter-se no quadro das modalidades, apesar de sua natureza factual.

Outra classificação comumente adotada pelos estudiosos da modalidade é a distinção entre modalidades subjetivas e objetivas. Essa distinção, embora amplamente utilizada, ainda não é bem definida, resultando em diferentes tipos de classificações. Por esse motivo, acreditamos ser pertinente tratar esse assunto em separado, como será feito a seguir.

1.1 O valor subjetivo das modalidades

De acordo com Verstraete (2001), a relação do falante com a avaliação modal tem sido tradicionalmente discutida em termos de subjetividade e objetividade. Contudo, essas distinções ainda não são bem compreendidas, resultando em uma falta de consenso nas classificações dos modais apresentadas pelos estudiosos do fenômeno em questão. O autor traça um interessante percurso da discussão sobre o estudo das modalidades, primeiramente, apresentando as classificações realizadas por diversos autores, para, em seguida, analisar as semelhanças e diferenças entre essas classificações e, finalmente, propor sua própria classificação, baseada em um critério semiótico. Passo, então, a relatar as considerações realizadas pelo autor.

De acordo com Verstraete (2001), em teoria, há um consenso geral de que a dicotomia subjetividade-objetividade deva ser definida em termos da distinção entre funções relacionadas ao falante e relacionadas ao conteúdo. Halliday (1970) foi o primeiro a organizar as diferentes funções da modalidade em duas categorias básicas, dependendo da relação com o falante.

Halliday (1970) propõe três funções básicas da linguagem (codificar a experiência, gerenciar a interação falante-ouvinte e organizar o todo de forma coerente), as quais são realizadas em três componentes do sistema linguístico, respectivamente, os subsistemas ideacional, interpessoal e textual. Os modais epistêmicos e alguns casos de deônticos pertencem ao sub-sistema interpessoal, pois, por meio desses modais, o falante participa do evento de fala assumindo uma posição. Os modalizadores de habilidade e de volição, bem como alguns casos de modalizadores deônticos, pertencem ao sub-sistema ideacional, porque não são comentários do falante, mas são partes integrantes do conteúdo da oração. A diferença entre os casos deônticos que pertencem ao sub-sistema interpessoal e ideacional pode ser vista nos exemplos (1) e (2), respectivamente:

- (1) You seem to be seeking to destroy yourself in some way, but you **must** not include me in your plan of action.
'Você parece estar procurando uma maneira de destruir a si próprio de alguma forma, mas você não deve me incluir em seu plano de ação'. (VERSTRAETE, 2001, p.1507)
- (2) But to reach orbit an object **must** accelerate to a speed of about 17,500 miles per hour (28,000 kilometers per hour, called satellite speed or orbital velocity) in a horizontal direction.
'Mas para alcançar a órbita, um objeto deve acelerar a uma velocidade de 17.500 milhas por hora (28 mil quilômetros por hora, chamado de velocidade de satélite ou orbital) em direção horizontal' (idem, p. 1508)

Podemos observar que, em (02), o falante expressa a existência de uma necessidade e não o desejo do falante, como em (01).

Lyons (1977) distingue três componentes funcionais básicos: o trópico, o nêustico e o frástico. Em sua análise dos modais, a qualificação entre subjetivo e objetivo depende de qual

desses componentes é qualificado pelo modalizador. O componente trópico é definido como a "parte da sentença que se correlaciona com o tipo de ato de fala realizado caracteristicamente por essa sentença" (LYONS, 1977, p. 749) e pode ser resumido pela frase *eu-digo-assim*. O componente nêustico é definido como "a parte da sentença que expressa o comprometimento do falante com relação à factualidade, desejo etc., do conteúdo proposicional expresso pelo componente frástico" (id., 1977, p.750) e pode ser resumido pelas frases *é-assim* ou *que-assim-seja*. O componente frástico, por fim, corresponde ao conteúdo proposicional do enunciado.

A modalidade subjetiva epistêmica é definida pela qualificação do componente trópico. Por meio dessa modalidade, o falante faz uma avaliação categórica, *eu-digo-assim*, sobre a factualidade da proposição contida no enunciado. Na modalidade objetiva epistêmica, a qualificação realizada não recai no componente *eu-digo-assim*, mas no componente nêustico, *é-assim*. Os modalizadores deônticos, por sua vez, qualificam os componentes nêustico e frástico. Os exemplos (01) e (02) também se aplicam à essa distinção, sendo o primeiro uma avaliação que recai sobre o componente *que-assim-seja*, enquanto o segundo, entendido como uma expressão da existência de uma obrigação, independente do falante, recai, portanto, sobre o componente frástico.

Verstraete (2001) nota a semelhança entre essas duas abordagens, tendo como critério principal a relação com o falante, mas observa, também, como diferença, a divisão realizada por Lyons (1977) na modalidade epistêmica entre modalidade subjetiva e objetiva, assim como na modalidade deôntica.

Foley e Van Valin (1984), analisam a estrutura da oração em três camadas sobrepostas, cada qual associada a seu próprio conjunto de operadores. A primeira camada é chamada de *núcleo* e consiste de um predicado acompanhado de operadores que indicam aspecto e direção. A segunda camada é chamada de *centro* e é constituída pelo *núcleo* e seus

argumentos centrais, acompanhados por operadores que indicam as categorias modais deôntica e dinâmica. Por fim, a terceira camada é chamada de *periferia*, constituída pelo *centro* e seus adjuntos, acompanhados por operadores que indicam tempo, força ilocucionária, evidencialidade e modalidade epistêmica. Os autores entendem que as modalidades não-epistêmicas atuam na camada do *centro* por qualificarem a relação entre um argumento central e o predicado. A modalidade epistêmica, por sua vez, é expressa por operadores periféricos, pois avaliam a probabilidade de os estados-de-coisas descritos na camada central tornarem-se realidade.

A abordagem da modalidade feita por Hengeveld (1987, 1988, 1989) traz elementos das três abordagens anteriores. Da mesma forma que Foley e Van Valin (1984), Hengeveld apresenta um modelo de estruturação em camadas, cada qual com seu conjunto de operadores. O autor divide as modalidades em epistemológica, objetiva e inerente. A modalidade epistemológica expressa "o comprometimento do falante com relação à verdade da proposição" (HENGEVELD, 1987, p.58), abarcando a modalidade equivalente à subjetiva epistêmica de Lyons e a evidencialidade. A modalidade objetiva se refere à avaliação de um estado-de-coisas em termos do conhecimento do falante, podendo ser epistêmica, quando se refere ao conhecimento sobre as situações possíveis no mundo real/hipotético, ou deôntica, quando se refere ao conhecimento sobre o sistema de convenções morais, legais e sociais. A modalidade inerente refere-se à relação entre um participante de um estado-de-coisas e a realização desse estado-de-coisas.

De acordo com Verstrate (2001), apesar do consenso teórico geral que parece existir sobre a distinção entre funções relacionadas ao falante e as não-relacionadas, a delineação dessas funções e dos critérios utilizados apresenta muitos problemas. O único ponto que parece ser unânime é a categorização dos modalizadores de habilidade e volição como objetivos. Para os modalizadores epistêmicos e deônticos, Verstraete identifica quatro

combinações diferentes para as quatro abordagens descritas. Essas combinações foram dispostas no seguinte quadro (VERSTRAETE, 2001, p. 1516):

HALLIDAY	Subjetivo	Interpessoal (epistêmico, deôntico)
	Objetivo	Ideacional (dinâmico, deôntico)
LYONS	Subjetivo	Trópico (epistêmico)
		Nêustico (deôntico)
	Objetivo	Nêustico (epistêmico)
		Frástico (deôntico, dinâmico)
FOLEY AND VAN VALIN	Subjetivo	Periferia (epistêmico)
	Objetivo	Centro (deôntico, dinâmico)
HENGEVELD	Subjetivo	Interpessoal (epistêmico)
	Objetivo	Ideacional (epistêmico, deôntico, dinâmico)

Quadro 2: A distinção subjetivo-objetivo nas quatro abordagens

De acordo com Verstrate (2001, p. 1516), o fato de haver tantas propostas divergentes indica que a distinção entre modalidade subjetiva e objetiva ainda não é bem compreendida. Tentando solucionar esse problema, diversos autores trabalharam com critérios gramaticais para caracterizar essa distinção.

Um critério amplamente utilizado pelos estudiosos da modalidade é o teste de comportamento dos modalizadores em situações interrogativas. Lyons (1977) e Hengeveld (1988) sustentam que as predicções modalizadas objetivamente podem ser questionadas, mas as subjetivamente modalizadas não podem, como se observa nos seguintes exemplos apresentados por Verstraete (2001, p. 1514):

- (3) It is possible that human beings on earth today are descended from a single woman?
 'É possível que os seres humanos na terra atualmente descenderam de uma única mulher?'
- (4) ?Are all human beings on earth today possibly descended from a single woman?
 '? Todos os seres humanos na terra atualmente possivelmente descenderam de uma única mulher?'

Para Verstraete (2001), o exemplo (4) pode ser aceito em situações em que há um *eco* no enunciado, ou seja, quando o falante reproduz no questionamento a avaliação realizada por

outra pessoa. Essa característica nos modais deônticos é ilustrada com os exemplos adaptados de Verstraete (2001, p.1521):

- (5) There is a crisis and he **must** act now.
'Há uma crise e o ministro deve agir agora'.
- (6) **Must** the minister act now?
'O ministro **deve** agir agora?'
- (7) Brake shoes **must** always be renewed in sets of four
'As sapatas de freio devem ser renovadas em conjunto de quatro.'
- (8) Must brake shoes always be renewed in sets of four?
'As sapatas de freio devem ser renovadas em conjunto de quatro?'

Nesses exemplos, a orientação da avaliação deôntica expressa em (5) passa a ser dirigida ao interlocutor em contextos interrogativos, como em (6), mostrando, dessa forma, a natureza subjetiva desse tipo de modalizador, uma vez que não é possível o falante questionar sua própria avaliação. Poder-se-ia parafrasear o enunciado interrogativo como "Você quer que o ministro aja agora?" Já em (8), o questionamento se refere ao valor de verdade da avaliação expressa no enunciado afirmativo, podendo ser parafraseado da seguinte forma: "Você **acha** que é verdade que as sapatas de freio devem ser trocadas em conjunto de quatro?". Verstraete afirma, ainda, que esse comportamento nas interrogativas pode ser explicado por meio da *performatividade*. As modalidades subjetivas estabelecem uma posição de comprometimento epistêmico ou deôntico e, por isso, são suscetíveis à interação performativa codificada no contraste declarativo-interrogativo. As modalidades objetivas, por outro lado, não criam a mesma posição de comprometimento.

O mesmo ocorreria em contextos de *condicionalidade*. De acordo com Lyons (1977) e Hengeveld (1988), as modalidades objetivas podem ocorrer em contextos condicionais, ao contrário das modalidades subjetivas. Ilustram o teste de condicionalidade os seguintes exemplos, adaptados de VERSTRAETE (2001, p.1519):

modalidade dinâmica:

- (9) If he **can** recapture the resourceful form which won him 23 caps Roebuck will be pushing strongly for a spot in the 26 man squad.
'Se ele **puder** voltar à forma física que lhe fez ele ser escalado para 23 jogos, Roebuck terá uma boa chance de voltar a ser parte do time titular.'

modalidade epistêmica:

- (10) The skeptical reader may ask, if only some stories have themes, if those themes **may** be hard to sum up, and if readers will probably disagree in their summations, why bother to state themes?
'O leitor cético poderia perguntar, se apenas algumas histórias têm temas, se esses temas **talvez** sejam difíceis de serem resumidos, e se os leitores provavelmente irão discordar em suas conclusões, por que se preocupar em apresentar esses temas?'

modalidade deôntica:

- (11) The process is quick, taking only 15 to 20 minutes to clean a whole house, and helps maintain the purity of rain water if it **must** be stored.
'O processo é rápido, levando apenas de 15 a 20 minutos para limpar uma casa inteira, e ajuda a manter a pureza da água da chuva se ela **tiver de** ser armazenada.'
- (12) If America **must** close down access to quality education, a clean environment and affordable health care for our seniors in order to keep the government open, then that price is too high.
'Se os Estados Unidos **devem** fechar o acesso à educação de qualidade, a um ambiente limpo e a um sistema de saúde economicamente viável para nossos idosos, para manter o governo aberto, então, esse preço é muito alto.'

Nos exemplos (9) e (11), a modalização ocorre sem problemas na forma condicional, o que significa que a modalização realizada é objetiva. Nos exemplos (10) e (12), por outro lado, há uma repetição, ou um *eco*, da avaliação de comprometimento original, o que indica que esses exemplos são de modalidades subjetivas.

O terceiro teste descrito por Verstraete (2001) é a manifestação do tempo na modalização. De acordo com Halliday (1970), Palmer (1979) e Hengeveld (1988), os modais objetivos seriam suscetíveis à distinção de tempo, enquanto os modais subjetivos não seriam. Os seguintes exemplos são oferecidos (p. 1524):

- (13) Gillespie positioned himself for a challenge but before he **could** move in the tackle Hughes had driven the ball high past Grobbeelaar from 25 yards.
'Gillespie se posicionou para uma dividida, mas antes que pudesse se mover para a investida, Hughes já havia chutado a bola 20 metros à frente de Grobbeelaar.'

- (14) Tom Shovell held things together while he was mine captain, but he retired a couple of years back and Theophilus **wouldn't** appoint anyone to take his place.
'Tom Shovell segurou a situação enquanto era meu capitão, mas se aposentou alguns anos atrás e Theophilus não queria apontar ninguém para ocupar seu lugar.'
- (15) Well she **might** be coming to Clare's party.
'Bom, talvez ela vá à festa da Clare'.
- (16) In fact Old Trafford **had to** wait another 20 minutes but then two goals arrived together, like buses.
'Na verdade, Old Trafford tinha que esperar mais vinte minutos, mas então dois gols vieram juntos, como dois ônibus.'
- (17) He'd said that you **had to** have your finance by the third of February.
'Ele disse que você tinha que ter suas contas até o dia 3 de fevereiro.'

Os modalizadores dinâmico e volitivo em (13) e (14), respectivamente, ocorrem no passado, sendo expressões de habilidade e desejo que ocorrem, de fato, no passado. O exemplo (15), por outro lado, mostra uma avaliação epistêmica que não ocorre no passado. Nesse caso, a forma indica uma mitigação do comprometimento. A modalidade deôntica, por sua vez, apresenta um caso de necessidade que ocorre no passado (16) e um caso em que a forma expressa é resultado do discurso indireto (17).

Na análise dos critérios gramaticais apresentadas acima, Verstraete (2001) utilizou uma abordagem qualificada pelo autor como *semiótica*; em outras palavras, ele trata os critérios semânticos e gramaticais como aspectos inseparáveis do mesmo fenômeno. Dessa forma, segundo o autor, os critérios de significado tornariam-se mais precisos, porque são codificados na forma e os critérios de forma não seriam mais cegamente aplicados porque seu funcionamento é explicado em termos de como a forma codifica o significado. Para o autor, o núcleo semiótico da modalidade é a noção de *performatividade*.

A *performatividade* utilizada para definir a subjetividade em Verstraete (2001) é diferente da performatividade tradicional, associada à força ilocucionária (promessas, perguntas etc.). A performatividade envolvida na modalidade não estabelece uma relação social entre o *eu* e *você* do contexto discursivo, mas dá existência a uma posição de comprometimento com respeito ao conteúdo proposicional do enunciado.

A partir da análise semiótica, Verstraete (2001) chega às seguintes conclusões: os critérios gramaticais devem ser usados como instrumentos na distinção entre funções performativas, ligadas ao falante, e as funções não-performativas, ligadas ao conteúdo. Esses critérios levam à classificação dos três tipos tradicionais de modalidade (epistêmica, deôntica e dinâmica) com relação às categorias subjetiva e objetiva da seguinte forma:

Tipo de modalidade	Subjetivo	Objetivo
Epistêmica	+	-
Deôntica	+	+
Dinâmica	-	+

Quadro 3: Classificação das modalidades segundo a subjetividade e objetividade (VERSTRAETE, 2001)

O autor observa que a modalidade dinâmica permanece da forma como foi tratada pelas diferentes abordagens, sendo apenas expressão do conteúdo do enunciado e não servindo para expressar a posição do falante em relação ao conteúdo de seu enunciado.

Ao contrário do que se encontra em Foley e Van Valin (1984) e Hengeveld (1988), Verstraete defende que não há porque rejeitar o status subjetivo da modalidade deôntica, pois há usos que claramente servem para registrar o comprometimento do falante com relação à avaliação de obrigatoriedade de uma ação, e essa característica é refletida nos critérios gramaticais (como o *eco* nas condicionais). Em outro artigo, Verstraete (2004) diz que a solução para o problema em Hengeveld foi encontrado na divisão dos níveis interpessoal e representacional.

Por outro lado, Verstraete descarta a modalidade objetiva epistêmica, por não haver critérios de forma que confirmem a leitura não-performativa. Os critérios de uso condicional e interrogativo, por exemplo, mostram que os modais epistêmicos não podem ser usados nesses contextos sem que haja a alteração do comprometimento para o interlocutor. Como não há

casos de condicionais e interrogativas sem essa mudança, o autor conclui que não existe a modalidade objetiva epistêmica.

Entretanto, se caracterizarmos a modalidade objetiva epistêmica da mesma forma como caracterizamos a modalidade objetiva deôntica, como propõe Hengeveld, não ocorrerá alteração de comprometimento nas interrogativas e condicionais. Embora o enunciado afirmativo seja uma expressão do falante, nele se expressa uma descrição das possibilidades de ocorrência de um evento na modalidade epistêmica ou uma descrição da existência de regras morais, sociais e legais na modalidade deôntica. Dessa forma, no exemplo de Lyons (1977), apresenta do abaixo, podemos perceber que, de acordo com o sistema semiótico de Verstratete (2001), a não performatividade do enunciado modalizado se manifesta tanto na semântica, uma vez que não há indicação do comprometimento do falante (18), como na forma, uma vez que não há alteração no valor modal no contexto condicional (19) ou interrogativo (20):

- (18) It **may** rain tomorrow.
'Pode chover amanhã'
- (19) If it **may** rain tomorrow, people should take their umbrellas.
'Se pode chover amanhã, as pessoas deveriam levar guarda-chuvas.'
- (20) **May** it rain tomorrow?
'Pode chover amanhã?'

Compare-se com o exemplo de Verstraete (2001, p. 1521):

- (21) Brake shoes **must** always be renewed in sets of four.
'As sapatas de freios devem sempre ser renovadas em conjunto de quatro'.
- (22) **Must** brake shoes always be renewed in sets of four?
'As sapatas de freios devem sempre ser renovadas em conjunto de quatro?'

Verstraete atribui ao exemplo (22) uma interrogação não sobre o comprometimento do falante com relação à necessidade deôntica, mas sobre seu comprometimento com relação à verdade da proposição. Acreditamos ser legítimo considerar, nesse caso, que não houve alteração da performatividade no contexto interrogativo porque não havia um comprometimento epistêmico no enunciado afirmativo. Portanto, aceitando-se que na leitura do exemplo (18)

não há comprometimento epistêmico, a classificação objetiva será aplicável, da mesma forma que no exemplo (21), no qual, por não haver comprometimento deôntico na asseveração, a modalidade é considerada objetiva.

Para questionarmos a validade da classificação de Verstraete, considere-se, agora, o seguinte exemplo (LYONS, 1977, p. 797):

- (23) Alfred may be unmarried.
'Alfred pode não ser casado.'

Verstraete (2001, p.1508) explica a dupla interpretação do enunciado oferecida por Lyons da seguinte forma:

Uma interpretação é objetiva: se o falante sabe que existem pessoas não casadas no grupo ao qual Alfred pertence, ele também "sabe, e não apenas pensa ou acredita, que há a possibilidade (e, nesse caso, uma possibilidade quantificável) de Alfred não ser casado" (1977:798). A outra interpretação é subjetiva: se o falante não sabe nada a respeito da presença de pessoas não casadas nesse grupo, pode ser entendido que ele "está qualificando subjetivamente seu comprometimento com relação à possibilidade de Alfred não ser casado em termos de sua própria incerteza"¹

Em suas conclusões (2001, p.1525), porém, Verstraete descarta essa interpretação, por falta de evidências linguísticas, embora aceite a lógica oferecida por Lyons:

A dupla interpretação de Lyons (1977) de *Alfred pode não ser casado* [...] não é refletida no comportamento linguístico do modal: se a estimação de possibilidade do falante é ou não baseada no conhecimento sobre a presença de pessoas não casadas na comunidade de Alfred pode ser relevante para o status lógico do argumento, mas não é relevante para o status linguístico do verbo modal *may*.²

¹ One interpretation is *objective*: if the speaker knows that there are unmarried people in the group to which Alfred belongs, he also "knows, and does not merely think or believe, that there is a possibility (and in this case a quantifiable possibility) of Alfred's being unmarried" (1977: 798). The other interpretation is *subjective*: if the speaker does not know anything about the presence of unmarried people in this group, he "may be understood as subjectively qualifying his commitment to the possibility of Alfred's being unmarried in terms of his own uncertainty"

² Lyons' (1977) double interpretation of *Alfred may be married* [...] is not reflected in the linguistic behavior of the modal: whether or not the speaker's estimation of possibility is based on knowledge about the presence of unmarried people in Alfred's community may be relevant for the logical status of the argument, but it is not for the linguistic status of *may*.

O argumento de Verstraete (2001) para a exclusão da categoria objetiva para os modalizadores epistêmicos baseia-se em sua proposta semiótica para a classificação. De acordo com essa proposta, as diferenças semânticas entre modalizadores subjetivos e objetivos devem se manifestar, também, na forma de expressão dos modalizadores, em outras palavras, deve haver uma diferença linguística.

A diferença semântica foi aceita, como vimos, em suas conclusões, restando apenas a validação na análise das formas de expressão. Além dos testes em contextos condicionais e interrogativos (cujo resultado Verstraete atribui a uma questão performativa), Hengeveld (1988) propõe, entre outros, o teste da negação do modalizador. Analisando a diferença entre os modalizadores adverbiais e adjetivos, o autor mostra que os primeiros não podem assumir valor negativo, ao contrário dos segundos:

- (24) *Impossibly John will come.
'*Impossivelmente John virá.'
- (25) *Uncertainly John will come.
'*Incertamente John virá.'
- (26) It is impossible that John will come.
'É impossível que John venha.'
- (27) It is not certain that John will come.
'Não é certo que John virá'.

O estranhamento dos modais subjetivos (24) e (25) na negação refletem, precisamente, sua característica subjetiva, mesmo no sentido proposto por Verstraete, relacionado à performatividade do comprometimento com relação ao enunciado. Os valores modais subjetivos epistêmicos não podem ser negados, porque sem eles não há marca de comprometimento, devendo haver um mínimo de comprometimento, ou nenhuma marca, como acontece nos exemplos (26) e (27), que se referem à uma avaliação objetiva de um estado-de-coisas.

Além disso, Hengeveld (2005, p. 15) sustenta que a categorização dos modais epistêmicos em subjetivo e objetivo implica que esses dois tipos podem ser especificados independentemente um do outro, dando o seguinte exemplo:

- (28) It is certainly possible that John is ill.
'É certamente possível que John esteja doente'.

De acordo com o princípio da economia linguística, não é possível encontrar em um enunciado duas formas com exatamente a mesma função, pois a construção se tornaria redundante. Além disso, o enunciado (28) acima se tornaria estranho, pois o falante estaria realizando um comprometimento de certeza, para, em seguida, realizar um comprometimento fraco de possibilidade.

Dessa forma, respondendo às duas exigências da proposta semântica de Verstraete, a categoria objetiva dos modalizadores epistêmicos parece ter sido validada.

Por fim, é válido ressaltar os seguintes pontos da análise de Verstraete (2001):

- seu conceito de performatividade diminui a ambiguidade do termo *subjetivo* e especifica o que é entendido como *participação do falante*, entendida agora como a ação de comprometimento realizada por meios linguísticos
- sua análise semiótica determina que a expressão linguística não está desvinculada da semântica, resultando em uma melhor aplicação dos conceitos *subjetivo* e *objetivo*.
- dada a explicitação de seus critérios, podemos contestar objetivamente sua classificação dos modais, como fizemos com a modalidade subjetiva epistêmica.
- um conceito-chave para o entendimento da *performatividade* pare ser a estruturação do enunciado em camadas, que permite identificar com maior precisão se a avaliação é realizada de maneira a criar um comprometimento do falante ou apenas descrever uma possibilidade, realizando assim a distinção entre *subjetivo* e *objetivo*.

2 A EVIDENCIALIDADE

Relacionada à modalidade epistêmica, uma outra categoria proposta é a evidencial, que se refere à expressão da fonte da informação do enunciado. Os evidenciais se relacionam à modalidade epistêmica por qualificar a validade da informação por meio da indicação das fontes de que o falante dispõe (DALL'AGLIO-HATTNHER, 2001), operando, dessa forma, no campo do conhecimento e também manifestando o comprometimento do falante com relação ao enunciado.

Utilizado para rotular uma categoria gramatical pela primeira vez em 1957, por Roman Jakobson, o termo evidencial se refere à informação sobre a fonte do conhecimento em um enunciado (AIKHENVALD, 2004). Como lembra Vendrame (2010), o termo tem sido amplamente utilizado nos estudos linguísticos desde a década de 80, com a publicação de *Evidentiality: the Linguistic Coding of Epistemology* (CHAFE, 1986), que reuniu os diversos trabalhos apresentados na conferência de Berkeley, no Estados Unidos, em 1981. Diversos trabalhos, como o de Willet (1988), um dos pioneiros no estudo da evidencialidade, distinguem dois tipos de qualificação evidencial: a direta, na qual o falante apresenta-se como fonte da informação (por meio de uma percepção sensorial) e a indireta, na qual a informação é adquirida por meio de uma inferência (evidencialidade inferida) ou por meios verbais (evidencialidade relatada). De acordo com Dall'Aglio-Hattnher (2001), a evidencialidade relatada pode ainda ser distinta de acordo com o tipo de fonte do relato: definida (quando a fonte é identificável), indefinida (quando a fonte não é identificável) ou de domínio comum (quando a fonte da informação é um saber tido como compartilhado).

Alguns autores, como De Haan (2005), consideram a evidencialidade como uma categoria dêitica, atuando de forma similar aos demonstrativos. De acordo com o autor, ao qualificar um evento utilizando a evidencialidade direta, o falante indica que ele ocorreu

dentro de sua esfera dêitica, enquanto ao utilizar a evidencialidade indireta (inferencial ou relatada), o falante indica que o evento ocorreu fora de sua esfera dêitica.

Alguns autores, como Dik (1989) e Hengeveld e Mackenzie (2008), descrevem a evidencialidade como um subtipo de modalidade. A esse respeito, Dall’Aglio-Hattner (1995 e 2001), baseando-se nos trabalhos de Nuyts (1993), Dendale e Tasmowski (1994) e Van Valin e LaPolla (1997), apresenta uma opinião diversa, sustentando que a evidencialidade é uma categoria hierarquicamente superior à modalidade. A autora, baseando-se em Nuyts (1993), esclarece que essa superioridade se dá pelo fato de que, sem a evidência, não é possível fazer qualquer tipo de avaliação de probabilidade; sem ela, resta ao falante simplesmente admitir que não sabe (lembrando que o falante pode apresentar o seu próprio conhecimento como evidência, ou mesmo, ocultar sua fonte). Esse será também o posicionamento adotado aqui: apesar de nos apoiarmos em Hengeveld e Mackenzie (2008) para a análise da atuação dos evidenciais, consideraremos a evidencialidade como uma categoria hierarquicamente superior à modalidade, conforme se verá no próximo item.

3. MODALIDADE E EVIDENCIALIDADE NA GDF

Hengeveld e Mackenzie (2008) dividem as modalidades de acordo com o *alvo da avaliação*, isto é, a parte do enunciado que está sendo modalizada. As modalidades podem ser **orientadas para o participante, para o evento ou para a proposição**. Outra distinção pode ser feita em termos do *domínio da avaliação* sendo realizada, isto é, a perspectiva pela qual a avaliação é feita. Os autores identificam cinco domínios distintos: **facultativo ou dinâmico** (relacionado a capacidades intrínsecas ou adquiridas), **deôntico** (relacionado ao que é permitido), **volitivo** (relacionado ao que é desejável), **epistêmico** (relacionado ao conhecimento sobre o mundo real) e **evidencial** (relacionado à fonte da informação).

A partir dessas duas distinções (a do alvo e a do domínio da avaliação), temos 10 combinações possíveis (algumas combinações não são logicamente permitidas). As modalidades orientadas para o participante podem ser dinâmicas, deônticas ou volitivas. As modalidades orientadas para o evento podem ser dinâmicas, deônticas, volitivas e epistêmicas. As modalidades orientadas para a proposição podem ser volitivas, epistêmicas e evidenciais. A seguir, temos uma breve descrição de cada um desses tipos de modalidade:

- **Modalidade dinâmica orientada para o participante.** Essa modalidade descreve a habilidade do participante em engajar-se no tipo de evento designado pelo predicado. Em algumas línguas, como o português, existe, ainda, uma distinção entre a capacidade **intrínseca** (ser capaz de) e a **adquirida** (saber). Exemplos:

(29) **Sou capaz** de ter sucesso na vida (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p.34)

(30) Você não **sabe** nem mesmo falar inglês. (RIBEIRO, 1992, p.83)

- **Modalidade deôntica orientada para o participante.** Descreve a obrigação ou permissão de um participante para engajar-se no tipo de evento designado pelo predicado. Na maioria das línguas, a obrigação não é codificada por meios gramaticais (como é o caso do português). Exemplo:

(31) Você é quem **tem que** mudar.. (RIBEIRO, 1992, p.42)

- **Modalidade volitiva orientada para o participante.** Descreve o desejo do participante em engajar-se no tipo de evento designado pelo predicado. Exemplo:

(32) Mesmo **querendo** fazer muitas coisas, seu corpo não tem mais energia, exige repouso. (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p. 54)

- **Modalidade dinâmica orientada para o evento.** Caracteriza um evento em termos das condições físicas ou circunstanciais que possibilitam sua ocorrência. Diferentemente da

modalidade orientada para o falante, as condições de ocorrência não dependem das capacidades intrínsecas ou adquiridas do participante. Exemplo:

- (33) Aquilo que é bom hoje **pode** não ser o melhor amanhã, porque encontramos uma nova forma de agir. (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p. 41)

- **Modalidade deôntica orientada para o evento.** Caracteriza eventos em termos do que é obrigatório ou permitido dentro de um sistema de convenções morais, legais ou sociais. Esse tipo de modalidade é utilizado para definir regras gerais de conduta, normalmente utilizando construções impessoais como “É proibido fumar”, mas também pode ser utilizada com construções pessoais como “Nós temos que ter o direito de intervir”. Exemplo:

- (34) **É inaceitável** crer que um ser superior governe tudo como um déspota ou mesmo que é o acaso que provoca todos os contratemplos (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p.14)

- **Modalidade volitiva orientada para o evento.** Caracteriza eventos em termos do que é genericamente desejável ou indesejável. Exemplo:

- (35) Muito pelo contrário, **é extremamente desejável que** assim o faça. (SILVA, 1994, p.303)

- **Modalidade epistêmica orientada para o evento.** Caracteriza eventos em termos da (im)possibilidade de sua ocorrência tendo em vista o que se conhece sobre o mundo. Os autores observam que, na maioria dos casos, a expressão gramatical deste tipo de modalidade se limita apenas a distinções de *realis* e *irrealis*. Exemplo:

- (36) Um ato **pode** ser natural para uma pessoa e perigoso para outras. (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p.37)

- **Modalidade volitiva orientada para a proposição.** A diferença entre a modalidade volitiva orientada para o participante e a orientada para a proposição é que, nesta última, a fonte da atitude volicional é o falante, e não um participante do evento. Exemplo:

- (37) **Espero que** esta obra seja útil em sua vida em todos os seus momentos. (OLIVEIRA, 1997, p. 219)

- (38) Mesmo nada podendo fazer, ficamos preocupados com a condição alheia e **queremos** de alguma forma ajudar. (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p. 94)

- **Modalidade epistêmica orientada para a proposição.** A distinção feita na GDF entre a modalidade epistêmica orientada para o evento e para a proposição se dá da mesma forma que na Gramática Funcional: enquanto na primeira a parte avaliada é o estado-de-coisas, na segunda, avalia-se o conteúdo proposicional. Exemplo:

- (39) **Sem dúvida**, trata-se do modo mais seguro de se evitarem os dolorosos rompimentos definitivos nas relações. (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p. 170)

- **Modalidade evidencial orientada para a proposição.** Esta modalidade especifica de que forma a proposição apresentada pelo falante veio ao seu conhecimento. Os autores apresentam distinções entre modalidades evidenciais **sensoriais** (40) e **não-sensoriais**. Estas últimas podem ainda ser divididas em modalidades **reportativa** (41) e **inferencial** (42). A modalidade reportativa refere-se a situações em que o falante obtém a informação por meio de relatos. A modalidade inferencial refere-se a situações em que o falante obtém a informação por meio de uma inferência, baseada em evidências externas. Exemplos:

- (40) **Vi** que o chão estava sujo (VENDRAME, 2005, p.58)³
- (41) **Segundo Kolb**, "dificuldades sexuais são comuns tanto nos homens quanto nas mulheres portadoras de diabetes..." (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p. 150)
- (42) Tive o privilégio de ser introduzido num caminho que **parece** estar respondendo a tais perguntas. (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p.11).

É necessário fazermos algumas observações acerca da localização desses modalizadores na GDF. Conforme dito anteriormente, na estrutura da GDF, os níveis Interpessoal e Representacional fazem parte do componente gramatical e são divididos em camadas. O nível Interpessoal é composto pelas camadas Movimento > Ato Discursivo > Ilocução, Participantes e Conteúdo Comunicado. O nível Representacional é composto pelas camadas Conteúdo Proposicional > Episódio > Estado-de-coisas > Propriedades Configuracionais e Lexicais > Indivíduos e outras Propriedades. No nível Interpessoal,

³ Não foram encontrados no corpus exemplos de evidencial de percepção.

temos, na **camada do Conteúdo Comunicado**, a *modalidade reportativa*. No nível Representacional, temos, na **camada do Conteúdo Proposicional**, as *modalidades orientadas para a proposição*: evidenciais (inferenciais), subjetivas epistêmicas, volitivas; na **camada do Estado-de-Coisas**, as *modalidades orientadas para o evento*: facultativas, deônticas, volitivas, objetivas epistêmicas, e, também, a *evidencialidade sensorial*; na **camada das Propriedades Configuracionais**, as *modalidades orientadas para o participante*: facultativas, deônticas e volitivas.

Apresentamos um resumo da localização dos modalizadores e evidenciais nos Quadros 4 e 5, abaixo:

Camada de atuação	Evidencialidade
Conteúdo Comunicado (Nível Interpessoal)	Reportativa
Conteúdo Proposicional	Inferencial
Estado-de-Coisas	Sensorial

Quadro 4: Evidencialidade de acordo com a camada de atuação na GDF

Camada de atuação	Modalidade
Conteúdo Proposicional	Volitiva orientada para a proposição
	Epistêmica orientada para a proposição
Estado-de-Coisas	Facultativa orientada para o evento
	Deôntica orientada para o evento
	Volitiva orientada para o evento
	Epistêmica orientada para o evento
Propriedades configuracionais	Facultativa orientada para o participante
	Deôntica orientada para o participante
	Volitiva orientada para o participante

Quadro 5: Modalidade de acordo com a camada de atuação na GDF

Como se pôde observar, os autores da GDF consideram a modalidade reportativa como uma categoria separada da evidencialidade. Neste trabalho iremos considerá-la, nos moldes de Vendrame (2010), uma categoria única e distinta da modalidade, mantendo sua classificação em dois níveis: a **evidencialidade reportativa** (de fonte diferente do falante) sendo localizada no nível Interpessoal, a **evidencialidade inferencial** e a **evidencialidade**

direta (percepção de evento) sendo localizadas no nível Representacional, como se verá a seguir.

A **evidencialidade reportativa** serve para indicar que o falante está retransmitindo um Conteúdo Comunicado expresso por outro falante dentro de seu próprio Ato Discursivo e atua, portanto, no nível Interpessoal, como ocorre em:

- (43) [Jung] Diz ainda: o inconsciente não é um recipiente que coleta o lixo da consciência, ele é a outra metade da psique.. (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p.22)

Nesse trecho, a expressão destacada funciona como um modificador reportativo, indicando a fonte, ou o falante real, do Conteúdo Comunicado que está entre aspas.

No nível representacional, a **evidencialidade inferencial** ocorre nas camadas da Proposição e a **evidencialidade direta**, do Estado-de-Coisas. Na camada do Conteúdo Proposicional, o falante especifica como teve acesso à informação contida na proposição. Em (44), a informação foi obtida com base em inferência derivada de conhecimento existente:

- (44) Mesmo a medicina paralela, não convencional e alternativa, **parece** ter muitos problemas para entender ou explicar estas questões. (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p.11)

Na camada do estado-de-coisas, a evidencialidade marca se o evento foi testemunhado diretamente pelo Falante por meio de algum sentido. Segundo Vendrame (2010), os verbos de percepção são a expressão típica da evidencialidade direta em português, como ocorre no seguinte exemplo:

- (45) E hoje tenho mais uma novidade, **senti** ela mexer de verdade. Já sentia umas cosquinhas em baixo na barriga, mas hoje sentada aqui na frente do computador, senti uma passada rápida mais forte, como se fosse o bracinho, ai que felicidade. (VENDRAME, 2010, p.83)

Na investigação do comportamento da evidencialidade e da modalidade no discurso da autoajuda da saúde, esperamos poder demonstrar que o nível e a camada em que se alojam

essas qualificações são responsáveis por diferentes graus de comprometimento e subjetividade expressos pelo enunciador, colaborando, assim, para a caracterização desse tipo de discurso.

CAPÍTULO III

O DISCURSO DA AUTOAJUDA DA SAÚDE

1. O DISCURSO DA AUTOAJUDA

Para entender o discurso da autoajuda, é necessário analisar sua gênese, uma vez que, ao lidarmos com o discurso, estamos lidando com "objetos que aparecem ao mesmo tempo como integralmente linguísticos e integralmente históricos" (MAINGUENEAU, 2007, p.16).

Para Rüdiger (1996), a origem da autoajuda se dá na publicação de *Self-help*, escrita pelo britânico Samuel Smiles, em 1859, que defende virtudes como a perseverança, parcimônia e dedicação como meios de promover o desenvolvimento pessoal. A obra é uma mistura de guia prático com coletânea de provérbios e hagiografia. Rüdiger (op. cit.) explica as diversas alterações do conceito de autoajuda. Inicialmente, a autoajuda se referia à formação do caráter, porém, no início do século XX, seguidores da corrente chamada Novo Pensamento a interpretariam como o processo de utilizar o poder da mente, especialmente o pensamento positivo, para alcançar sucesso e riqueza.

A corrente do Novo Pensamento teria iniciado, de acordo com Rüdiger, da ação dos seguidores de P. P. Quimby, que pesquisou, por conta própria, as práticas do mesmerismo. De acordo com essa prática, o corpo humano seria regido por um tipo de magnetismo e o resultado do desequilíbrio nesse magnetismo seriam as doenças. O praticante do mesmerismo

seria capaz de regular o campo magnético por meio do controle mental, utilizando a imposição das mãos. O sucesso de Quimby em curar uma paciente impulsionou a crença no poder da mente.

De acordo com Griswold (1934), o Novo Pensamento era um sistema de controle mental, aberto para qualquer pessoa, independentemente de sua religião. Seus praticantes acreditavam que toda matéria pode ser espiritualizada e, portanto, ficar sob o domínio do pensamento. Dito de outra forma, pensamentos se tornam matéria, ou como seus seguidores diziam: “Pensamentos são coisas” (*Thoughts are things*). A origem do poder de transformação da matéria, de acordo com o Novo Pensamento, residiria no caráter divino de todos os indivíduos. O ser humano ocupa uma posição exaltada no cosmos do Novo Pensamento, como uma “emanação de Deus”. Todo o universo, tudo que há nele, é uma coisa só e tudo está ligado ao centro – Deus, que para os seguidores do Novo Pensamento era “uma força superior, uma presença absoluta”, que poderia ser chamado alternativamente de “Mente, Espírito, Lei, Primeira Causa, Natureza, Princípio Universal, Vida”. (GRISWOLD, 1934, p. 309-310, tradução minha).

Por meio da descrição de Griswold, percebe-se que, no Novo Pensamento, não há uma personificação da divindade, que pode até mesmo ser chamada de “mente”, que está presente em todos os seres humanos.

De acordo com seu manifesto oficial, apresentado no Primeiro Congresso Internacional do Novo Pensamento, em São Francisco, 1915, o propósito do sistema era “Ensinar a infinitude do Ser Supremo; a divindade do homem e suas possibilidades infinitas através do poder criativo do pensamento construtivo e obediência à voz da Presença Interior, fonte de Inspiração, Poder, Saúde e Prosperidade” (apud GRISWOLD, 1934, p.310 - tradução minha).

Ainda segundo Griswold, embora alguns seguidores estivessem interessados na teologia e metafísica do Novo Pensamento, a grande maioria buscava nesse sistema apenas uma forma de se tornar rico rapidamente, tendo como grande atrativo sua falta de exigências disciplinares.

Podemos notar a presença das teses do novo pensamento nos livros de autoajuda atuais por meio dos seguintes excertos:

- (01) Essa é a parte mais bonita e mais perigosa porque, ao mesmo tempo em que você pode criar uma situação muito boa, você pode criar também uma situação muito ruim, com base naquilo que você deseja, naquilo que acredita, naquilo que pensa e naquilo que fala. (RICARDINO, 1997, p.25)
- (02) Deveis saber que as vossas palavras e pensamentos são tremendas forças vibratórias, que *estão continuamente amoldando o vosso corpo e os vossos negócios*. (PRADO, 1995, p.25)
- (03) Com exceção de eletricidade e magnetismo, em tudo na vida **semelhante atrai semelhante**. (...) Se você pensar nos momentos bem-sucedidos que já teve na vida, mais sucesso vai aparecer. (RIBEIRO, 1992, p. 59)

A partir da descrição apresentada acima, podemos facilmente perceber como o movimento do Novo Pensamento molda o conceito da autoajuda como conhecemos atualmente: um método para alcançar os mais diversos objetivos, baseado unicamente no poder mental de seus praticantes – um método cuja única exigência é conhecer e acreditar no poder interior existente em todos os seres humanos. Diferentemente das teses apresentadas por Smiles e da teologia protestante da época, não se fazia necessário formar-se um caráter específico, seguindo uma ética religiosa pré-definida: bastava desejar ser rico e obter sucesso, sem preocupar-se com questões morais ou sociais. Mantém-se, porém, o nome autoajuda, de Smiles, por se tratar de uma mudança originada no indivíduo que busca ajuda – no seu poder interior.

Assim, percebemos, na gênese da autoajuda, uma de suas características mais importantes: a relação intertextual com o discurso do Novo Pensamento, que define, ao mesmo tempo, uma das características mais importantes do discurso da autoajuda, isto é, a manifestação da certeza (ou da crença) para a realização dos objetivos.

As ideias propagadas pela corrente do Novo Pensamento foram posteriormente embasadas pela chamada ciência da Programação Neurolinguística, ou PNL. De acordo com essa ciência, cuja validade ainda é tema de debate, o cérebro funciona como um computador, obedecendo à programações específicas, que podem ser inseridas de forma consciente. Se realizada de forma correta, essas programações poderiam influenciar, por exemplo, na autoestima da pessoa, fazendo com que essa se torne bem-sucedida no campo financeiro, afetivo e, até mesmo, físico.

Também na gênese da autoajuda, temos o trabalho de formação do caráter de Smiles, configurando, assim, outra característica do discurso da autoajuda: a prescrição. Corroborando essa afirmação, citamos Rüdiger (1996, p.21): "a literatura de autoajuda caracteriza-se textualmente pelo discurso prescritivo, tendo como principal objetivo propor regras de conduta e fornecer conselhos".

Para realizar essas prescrições, o enunciador da autoajuda deve assumir um lugar de poder no discurso. Brunelli e Dall'Aglio-Hattner (2009, p.182) mostram algumas características do discurso da autoajuda que revelam essa posição privilegiada do enunciador, na medida em que ele:

a) apresenta definições/explicações na forma de asserções afirmativas:

(04) Por isso vamos dar uma definição que servirá para todo mundo: Sucesso é conseguir o que você quer! (RIBEIRO, 1992, p.10)

b) revela aos seus enunciatários o significado de certos fatos:

(05) Isso significa que uma pequena diferença em desempenho faz uma tremenda diferença no resultado. (RIBEIRO, 1992, p.09)

c) corrige outros discursos ou o discurso dos outros:

(06) São Tomé dizia: é preciso ver para crer. Mas ele se enganou, pois o contrário é que é verdadeiro: é preciso crer para ver. (RIBEIRO, 1992, p.40)

Vimos, então, que além de ser caracterizado por sua relação com o discurso do Novo Pensamento, o discurso da autoajuda é caracterizado pela posição de poder em que se encontra seu enunciador.

Veremos, agora, algumas características particulares do discurso da autoajuda da saúde.

2 A AUTOAJUDA DA SAÚDE

O discurso da auto-ajuda da saúde, basicamente, refere-se aos textos em que se defende a teoria de que é possível uma pessoa curar-se dos mais diversos tipos de doença e, até mesmo, evitá-las, utilizando, para isso, o poder de sua mente. Podemos citar como exemplo a contra-capa do livro de Cairo (1999): “Neste livro você encontrará a chave para a cura de todas as doenças”. Também na contra-capa, mais adiante: “[no livro] É apresentado um grande número de doenças e suas respectivas explicações psicológicas, para poder então analisar sua própria conduta, corrigindo-a e, conseqüentemente, curar-se definitivamente de todos os males...”.

Também parece constituir esse discurso a apropriação do discurso da psicanálise, em geral, citando os grandes “pais” dessa área da psicologia, Sigmund Freud e Carl Gustav Jung. Freud é considerado por muitos aquele que deu origem a uma ciência voltada para o estudo de

como a mente poderia gerar doenças, a chamada Psicossomática. Citamos o exemplo de GASPARETTO E VALCAPELLI (2003): “Freud foi um dos primeiros a perceber que as atividades mentais poderiam modificar as funções normais do organismo, abrindo assim as perspectivas para uma nova ciência chamada Psicossomática”.

A autoajuda da saúde também apresenta como característica peculiar a relação com o discurso religioso. Diferentemente da autoajuda genérica, a autoajuda da saúde, frequentemente, faz referência às religiões orientais, como o budismo e o hinduísmo. O excerto abaixo é de CAIRO (1999):

No livro Os fundamentos do Budismo, de Elena Roerich, representante oficial da Ordem Rosacruz no Tibete, encontramos que: “Carma é a ação de conseqüências do que é feito pelo homem em atos, pensamento e palavra... Daí, a responsabilidade do homem diante de tudo que existe e, sobretudo, diante de si mesmo...”

Outra forma de caracterizarmos o discurso da auto-ajuda da saúde é fazendo o levantamento de seus enunciados básicos, entendidos, conforme Fiorin (1988), como um conjunto de invariantes de um discurso, isto é, os enunciados que representam todos os enunciados que são efetivamente produzidos. Trata-se de representações dos “conteúdos” do discurso que são saturados no texto por meio de paráfrases.

Destacamos, aqui, dois enunciados básicos pertinentes à nossa discussão: primeiramente, o de que “as emoções negativas geram doenças”. Consideramos esse enunciado importante, pois condensa o que é dito em todos os livros de auto-ajuda sobre a saúde. Em segundo lugar, mas não menos importante, o de que “é necessário acreditar para que haja a cura”, pois, tendo o mesmo preceito defendido por autores da autoajuda tradicional, aponta para a confirmação da hipótese lançada por Brunelli (2004), a de que a manifestação da certeza será um dos traços semânticos do discurso da autoajuda.

Vejamos alguns exemplos que saturam o conteúdo do primeiro enunciado básico:

- (07) E todas as emoções negativas são projetadas em forma de doenças (CAIRO, 1999, p. 26)
- (08) Se a doença persiste, descubra qual é a emoção negativa que você vem alimentando em seu coração e “desligue-a” de sua mente, que a somatização desaparecerá (ibid., 1999, p. 41)
- (10) Mente desarmonizada, negativa, perturbada, transviada, degenerada – produz corpo doentio (TREVISAN, 1998, p. 35)
- (11) A doença é a manifestação dos conflitos interiores. Antes de ocorrer a somatização, a pessoa apresenta problemas de ordem emocional, como angústia, depressão, medo etc. (VALCAPELLI;GASPARETO, 2003, p. 42)

Abaixo, seguem exemplos que saturam o conteúdo do segundo enunciado-básico:

- (12) Quem busca a felicidade é porque acredita nela, portanto, aqui vai um conselho: nunca questione aquilo que poderá conduzi-lo à porta certa (CAIRO, 1999, p. 42)
- (13) Não havendo crença, não haverá cura (TREVISAN, 1998, p. 135)
- (14) Então, você é aquilo que acredita ser (VALCAPELLI; GASPARETTO, 2003, p. 29)

Uma grande diferença entre a autoajuda da saúde e a autoajuda genérica se dá justamente por consequência da escolha temática. A tese principal do discurso da autoajuda da saúde é a de que é possível curar e prevenir qualquer tipo de doença por meio do poder da mente e do controle das emoções. Devido ao conhecimento de que há doenças consideradas incuráveis pela ciência médica, o enunciador do discurso da autoajuda da saúde antecipa as possíveis “críticas” de seu interlocutor, muitas vezes abordando explicitamente o ponto de discórdia, apontando como fonte o próprio discurso médico, por meio de enunciados como:

- (15) um deles fez com que um quisto ovariano do tamanho de uma laranja diminuísse até sumir, num espaço de duas semanas. **A ciência médica acha que isso é impossível** (...) (CAIRO, 1999, p. 32, grifo meu).

Por esse motivo, o enunciador da autoajuda sobre saúde parece ser mais cuidadoso com suas asseverações, tendo em vista as expectativas com relação à resposta de seu interlocutor às proposições apresentadas no discurso.

Por exemplo, o câncer é sabidamente uma doença para qual ainda não há cura, pelo menos, tendo em mente o conjunto de conhecimentos da área da medicina. Por esse motivo, o enunciador da autoajuda da saúde deverá procurar uma série de estratégias de qualificação do conteúdo de seu enunciado para lidar com a possível (e esperada) descrença de seu interlocutor, como recorrer a modalizações de incerteza não comprometidas, ou ainda, apoiar o seu argumento em conhecimentos apresentados como científicos. O enunciador da autoajuda que trata de temas genéricos, por outro lado, sente-se mais livre para realizar asserções menos modalizadas, ou ainda, mais comprometidas com a verdade de suas proposições, possivelmente pelo fato de ser mais difícil discordar da veracidade de suas informações, justamente pelo fato de se tratar de objetivos abstratos como "riqueza", "felicidade" e até mesmo "saúde". A especificidade do tema, portanto, poderia gerar também diferenças quanto à manifestação de evidenciais e à manifestação das atitudes com relação à verdade do enunciado.

É para investigar essas possibilidades que passamos, no capítulo seguinte, à análise do comportamento das qualificações modais e evidenciais nas obras que compõem o corpus desta pesquisa.

CAPÍTULO IV

MODALIDADE E EVIDENCIALIDADE NO DISCURSO

DA AUTOAJUDA DA SAÚDE

1 CONSTITUIÇÃO DO CÓRPUS E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

O processo de constituição do corpus desta pesquisa se deu, primeiramente, pela seleção de obras facilmente identificáveis como autoajuda, uma vez que prometem, em sua contra-capa ou em sua introdução, métodos para alcançar os mais diversos objetivos, principalmente, os de obter sucesso e felicidade por meio do controle da mente. Outros critérios para a seleção das obras foram a presença de teses facilmente reconhecíveis como derivadas da corrente do Novo Pensamento, conforme explicado no capítulo anterior, e a disponibilidade no mercado editorial. A esse conjunto denominamos "autoajuda genérica". Seleccionamos, numa segunda etapa, obras com uma temática específica, que prometem, também de modo facilmente identificável, a cura e/ou prevenção de doenças por meio exclusivo do poder da mente. O que caracteriza esse subconjunto é o fato de o ganho a ser alcançado pelos métodos da autoajuda ser a saúde. Descartamos, desse modo, obras que se encaixavam mais na categoria “Medicina alternativa” do que autoajuda, como por exemplo as que utilizam como técnica de cura cromoterapia, florais, Reiki, acupuntura etc.

Desse modo, seleccionamos as obras de Oliveira (1997) e de Gasparetto e Valcapelli (2003), representando, respectivamente, os discursos da autoajuda genérica e a autoajuda da saúde, por apresentarem uma quantidade equivalente de palavras. O livro de Oliveira apresenta 218 páginas, com uma média de 200 palavras por página, enquanto o livro de

Gasparetto e Valcapelli apresenta 175 páginas, com média de 260 palavras por página. Essa contagem, é claro, não é exata, mas permite ver que a extensão das duas obras é compatível, resultando em uma média de 45 mil palavras em cada livro.

Após o levantamento das ocorrências de modalizadores e evidenciais, estabelecemos algumas categorias de análise a serem utilizadas na descrição de características semânticas e pragmáticas dessas qualificações. As categorias selecionadas para a análise da modalidade foram: domínio do modalizador, alvo da modalização, formas de expressão modal, camada de atuação dos modalizadores, valores do modalizador epistêmico, valores do modalizador deontico, inclusão do falante na incidência do modalizador deontico e agente do verbo modalizador dinâmico. As categorias de análise dos evidenciais foram: modo de obtenção evidencial, fonte da informação evidencial, forma de expressão dos evidenciais, camada de atuação do evidencial. Cada uma dessas categorias de análise será comentada individualmente a seguir.

1.1 Categorias de análise dos modalizadores

1.1.1 *Domínio do modalizador*

A identificação do campo semântico das qualificações modais permitirá identificar o tipo de conhecimento acionado em cada discurso, evidenciando a relevância do *saber*, *dever*, *querer* e *poder* para a construção do discurso da autoajuda da saúde. Conforme Hengeveld e Mackenzie (2008), os domínios das modalidades podem ser epistêmico (1), deontico (2), volitivo (3) e dinâmico⁴ (4):

⁴ Embora o rótulo utilizado por Hengeveld e Mackenzie(2004) seja “modalidade facultativa”, adotaremos, nos moldes de Palmer (2001), o rótulo “modalidade dinâmica” a fim de evitar a ambiguidade do termo.

- (1) **Talvez** cheguemos a desvendar o inconsciente totalmente e talvez aí a evolução termine (...) (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p.23)
- (2) Mediante isso você não **deve** se sentir culpado. (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p.16)
- (3) **Espero**, dessa forma, contribuir para que possam entendê-la e assim minorar o cada vez maior empobrecimento da relação médico-paciente (SILVA, 1994, p.339)
- (4) Somente a própria pessoa **pode** avaliar o quanto sofre por essa atitude inadequada que assumiu na vida. (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p.56)

1.1.2 Alvo do modalizador

O alvo da avaliação contribui para a análise do comprometimento do enunciador com relação ao seu enunciado. Conforme explicado no item 3 do capítulo II, o alvo das modalidades podem ser

- o participante:

- (5) Ela não **consegue** resolver sua dificuldade de lidar com o ambiente. (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p.75)
- (6) No entanto, não **devemos** nos esquecer de que as dificuldades são um recurso de aprendizagem. (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p.170)

- o evento:

- (7) **É inaceitável** crer que um ser superior governe tudo como um déspota ou mesmo que é o acaso que provoca todos os contratempos (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p.14)
- (8) No tocante ao tema abordado, a pessoa que gagueja **pode** até estar bem informada, mas vai gaguejar por falta de confiança em si mesma. (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p.66)

- a proposição:

- (9) **Certamente** haverá algo à sua escolha. (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p.26)

- (10) **Talvez** seja difícil conceber que você é a causa dos distúrbios da saúde, pois aprendeu erradamente que o corpo fica doente sem a sua participação. (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p.43)

1.1.3 *Formas de expressão dos modalizadores*

Com a análise da forma de expressão das modalidades, pretendemos verificar se o tipo de construção tem relevância para a análise do valor modal, observando especialmente as possibilidade de explicitação do sujeito sintático que são viabilizadas ou não pelas diferentes estruturas modais. Os modalizadores podem ser expressos lexicalmente por meio de verbos modais, como (11), advérbios modalizadores (12), adjetivos modalizadores, como (13), e substantivos modalizadores, como (14).

- (11) Estruturas como essas **podem** estar há anos ativadas e causando obstáculos em sua vida. (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p. 32)
- (12) A metafísica admite, porém, que todas as pessoas herdam uma carga genética que **indubitavelmente** é necessária para a constituição biológica. (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p.39)
- (13) Toda sua capacidade para solucionar **prováveis** contratempos é negada. (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p.58)
- (14) O "vitimismo" é **sem dúvida** o maior empecilho ao progresso da humanidade. (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p.13)

1.1.4 *Camada de atuação dos modalizadores*

Conforme visto no Capítulo II, o alvo da modalização define a camada em que atuam os modalizadores. No nível representacional, na camada do conteúdo proposicional, atuam a modalidade epistêmica (15) e a volitiva (16) orientadas para a proposição. Na camada do estado-de-coisas, atuam as modalidades epistêmica (17), deôntica (18), dinâmica (19) e volitiva (20) orientadas para o evento. Na camada das propriedades configuracionais, atuam as modalidades deôntica (21) e dinâmica (22) orientadas para o participante.

- (15) O "vitimismo" é **sem dúvida** o maior empecilho ao progresso da humanidade (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p.13)
- (16) **Espero que** esta obra seja útil em sua vida em todos os seus momentos. (OLIVEIRA, 1997, p.219)
- (17) **Pode ser que** você jamais fizesse daquela maneira ou dissesse aquilo. (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p.119)
- (18) Algum grau de egoísmo é **obrigatório** em todos nós, visto que, como salientou Freud, é parte essencial do instinto de autopreservação (SILVA, 1994, p.242).
- (19) A mente consciente também se estende até onde os sentidos **podem** alcançar. (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p.20)
- (20) Muito pelo contrário, é extremamente desejável que assim o faça. (SILVA, 1994, p.303)
- (21) Você **deve** fazer as coisas sem precisar de muita força de vontade. (RIBEIRO, 1992, p.112).
- (22) Da mesma forma, você **tem a capacidade de** destruí-las e sarar. (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p.43)

1.1.5 Valores do modalizador epistêmico

De acordo com Dall’Aglio-Hattner (1995), ao qualificar epistemicamente seu enunciado, o falante avalia como certa ou possível a realidade de um estado-de-coisas ou a verdade de uma proposição. Definindo o eixo epistêmico como um *continuum* entre o certo e o possível, a autora constata que a língua portuguesa dispõe de meios para expressar uma gradação muito sutil entre esses extremos e que há uma variedade de formas para um mesmo valor. Tudo isso dificulta o estabelecimento de graus nítidos no que se refere à diferenciação das noções semânticas próprias ao eixo epistêmico. Sendo assim, buscaremos identificar de que maneira as expressões modais se aproximam dos extremos do *continuum* entre o **certo** (23) e o **possível** (24):

- (23) Só se fosse com mágica, diriam **certamente** os tripulantes do veleiro. (RIBEIRO, 1992, p.36)
- (24) **Talvez** cheguemos a desvendar o inconsciente totalmente e **talvez** aí a evolução termine... (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p.23)

1.1.6 Valores do modalizador deôntico:

Os modalizadores deônticos podem assumir valores do obrigatório (25) ao proibido (26), passando pelo permitido (27) e o necessário (28). Essa análise pode nos mostrar uma maior ou menor imposição do enunciador sobre seu interlocutor ao utilizar com mais frequência as avaliações de obrigatoriedade e proibição.

- (25) **Deve** ser lembrado que os doces constituem-se em sérias agravantes para a diabetes. (SILVA, 1994, p.152)
- (26) **É inaceitável** crer que um ser superior governe tudo como um déspota ou mesmo que é o acaso que provoca todos os contratempos (SILVA, 1994, p.14)
- (27) A esse respeito, **permito-me** transcrever uma imagem que meu próprio pai utilizava (SILVA, 1994, p.298)
- (28) **É necessário** que você tenha sentido de corpo inteiro um pensamento para que ele seja reconhecido como o melhor. (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p.36)

1.1.7 Inclusão do falante na incidência do valor deôntico:

Ao instaurar uma obrigação, o falante pode não se incluir (29), ou se incluir (30) como alvo da obrigação instaurada, dessa forma atenuando a imposição da avaliação deôntica:

- (29) Mediante isso **você não deve** se sentir culpado. (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p.16)
- (30) No entanto, **não devemos** nos esquecer de que as dificuldades são um recurso de aprendizagem. (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p.170)

1.1.8 Agente do verbo modalizador dinâmico

A análise do agente do verbo modalizador dinâmico deverá mostrar qual participante é qualificado como capaz de realizar o estado-de-coisas. Dessa forma, analisaremos de que

forma o enunciador se dirige ao seu interlocutor, preferindo qualificar a si mesmo (31), seu interlocutor (32), outro indivíduo (33), ou ainda, mitigando a diretividade e incluindo-se como alvo da qualificação ao mesmo tempo em que qualifica outro indivíduo (34):

- (31) **Sou capaz** de ter sucesso na vida. (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p.34)
- (32) Para que **você possa** reverter esse quadro, é necessário não se envergonhar com o pouco que você conquistou até agora. (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p.126)
- (33) Espantei-me ao perceber que **outra pessoa conseguia** pensar do modo como eu aprendera a pensar, o que parece muito difícil para a maioria das pessoas (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p.11)
- (34) Desse modo, **podemos** intervir a qualquer momento, colocando a respiração sob o controle da vontade. (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p.48)

1.2 Categorias de análise dos evidenciais

1.2.1 *Modo de obtenção evidencial:*

Ao indicar o modo como a informação veiculada foi obtida, o falante qualifica suas afirmações, obtendo diferentes efeitos de sentido segundo suas afirmações sejam apresentadas como resultado de uma percepção sensorial (35), como resultado de uma inferência (36), ou como um relato de uma terceira pessoa (37):

- (35) **Vi** que o chão estava sujo. (VENDRAME, 2005, p.58)
- (36) Mesmo a medicina paralela, não convencional e alternativa, **parece** ter muitos problemas para entender ou explicar estas questões. (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p.11)
- (37) **Conforme estatísticas publicadas no Manual Merck de Medicina**, em 10% a 20% dos asmáticos, a crise é provocada por alérgenos (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p.76)

O que nos interessa, ao analisar o tipo de evidencial, é o efeito de sentido de (des)comprometimento. O relato de uma percepção sensorial envolve maior comprometimento do falante porque a veracidade da informação depende exclusivamente dele. O evidencial de inferência envolve menor comprometimento que a percepção visual justamente porque envolve um cálculo mental, relativizando o valor de verdade do conteúdo do enunciado. Já o relato envolve ainda menos comprometimento do falante, pois a responsabilidade sobre a informação é atribuída a outra pessoa.

Isso, contudo, não quer dizer que, para todas as pessoas, o evidencial com maior comprometimento será sempre mais confiável. Por exemplo, em um tribunal, os evidenciais de percepção dão mais credibilidade do que o fariam os evidenciais de relato, mas nos textos acadêmicos, dependendo da fonte, o evidencial reportativo pode ser muito mais convincente do que o de percepção. Por essa razão, a análise dos evidenciais deverá considerar, além do tipo de evidencialidade, o tipo de fonte acionada em cada caso.

1.2.2 *Fonte da informação dos evidenciais:*

Apoiando-nos em Vendrame (2005), analisaremos o tipo de fonte de informação explicitada pelo falante, buscando identificar se os conhecimentos acionados são exclusivos do falante (38), atribuídos a outro participante (39), ou de saber comum (40).

- (38) Só uma cirurgia, mesmo assim **acho que** não vai ficar muito bom. (OLIVEIRA, 1997, p.148)
- (39) **Segundo Kolb**, "dificuldades sexuais são comuns tanto nos homens quanto nas mulheres portadoras de diabetes(...)" (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p.150)
- (40) **Sabe-se que** a angústia é um medo social, através do qual a pessoa teme pela desaprovação dos outros. (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p.67)

Por meio dessa análise, avaliaremos também a qualidade dos evidenciais reportativos para a argumentação. A fonte identificada obviamente tem mais valor do que a não-identificada, pois, se não se conhece a fonte, torna-se impossível verificar a veracidade da informação, ou ainda, é possível alegar que esse relato nem mesmo existiu.

1.2.3 *Formas de expressão dos evidenciais*

Ao analisar as formas de expressão dos evidenciais, pretendemos identificar se existe alguma associação entre o tipo de construção evidencial e o tipo de evidencialidade. Os evidenciais podem ser expressos por meio de advérbios, como (41), modalizadores adjetivos, como (42), locuções prepositivas, preposições acidentais ou sintagmas nominais preposicionados (de acordo com, segundo, para mim etc.), como (43), e verbos de significação plena, como (44), (45), (46) e (47):

- (41) A designação no masculino não exclui, **evidentemente**, o público feminino, possivelmente a maior parcela dos potenciais leitores. (SILVA, 1994, p.18)
- (42) **É claro que**, se ela falar durante muito tempo, irá ficar com as cordas vocais cansadas. (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p.70)
- (43) **Para Adler**, tudo o que se passa no psiquismo humano deriva da "vontade de poder". (SILVA, 1994, p.57)
- (44) Mesmo a medicina paralela, não convencional e alternativa, **parece** ter muitos problemas para entender ou explicar estas questões. (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p.11)
- (45) **Constatou-se que** tal capacidade era deficiente nesses homens entre 30 e 60 dias após a morte da mulher (SILVA, 1994, p. 121)
- (46) **Todos sabem que**, por uma questão de cultura, os japoneses sorriem quando estão ao lado de uma outra pessoa. (RIBEIRO, 1992, p.54)
- (47) **Dizem que** pessoas como Einstein já nascem gênios. (RIBEIRO, 1992, p.13)

1.2.4 Camada de atuação do evidencial

Conforme visto no Capítulo II, os evidenciais podem atuar: no nível Interpessoal, na camada do Conteúdo Comunicado, por meio dos evidenciais reportativos (48); no nível Representacional, na camada do Conteúdo Proposicional, por meio dos evidenciais inferenciais (49) e na camada do estado de coisas, por meio dos evidenciais de percepção direta (50).

- (48) **Segundo Kolb**, "dificuldades sexuais são comuns tanto nos homens quanto nas mulheres portadoras de diabetes..." (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p.150)
- (49) E se você possui mais de uma cabeça o seu problema é mais sério do que pensei, a solução... só uma cirurgia, mesmo assim **acho que** não vai ficar muito bom. (OLIVEIRA, 1997, p.148)
- (50) E hoje tenho mais uma novidade, **senti ela mexer de verdade**. Já sentia umas cosquinhas em baixo na barriga, mas hoje sentada aqui na frente do computador, senti uma passada rápida mais forte, como se fosse o bracinho, ai que felicidade. (VENDRAME, 2010, p.83)

2. ANÁLISE DOS DADOS

Iniciamos a análise pela distribuição geral das avaliações realizadas nos dois discursos. Na apresentação dos resultados quantitativos em forma de tabela, utilizaremos a abreviação AAG para o discurso da autoajuda genérica, representado pelo livro *Os segredos da prosperidade* (OLIVEIRA, 1997), e AAS para o discurso da autoajuda da saúde, representado pelo livro *Metafísica da saúde* (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003).

Na Tabela 1 abaixo, observamos a distribuição das ocorrências de modalizadores e evidenciais em relação ao total de ocorrências em cada obra analisada:

Obra	Modalizadores	Evidenciais	Total
AAG	463 89,4%	55 10,6%	518 100%
AAS	304 88,9%	38 11,1%	342 100%
Total	767 89,2%	93 10,8%	860 100%

Tabela 1: Distribuição das ocorrências por tipo de qualificação

Podemos notar que a porcentagem na distribuição entre os dois tipos de avaliação é praticamente a mesma. As avaliações modais nas duas obras do corpus configuram cerca de 90% do total de qualificações, restando cerca de 10% de qualificações evidenciais. Portanto, a princípio, esses números parecem indicar que a escolha temática não exerce influência na escolha de modalizadores e evidenciais.

Entretanto, embora os dois livros apresentassem uma quantidade similar de palavras, o número de modalizações encontradas no livro de autoajuda genérica foi consideravelmente maior, pois cerca de 60% das 767 avaliações modais realizadas são da autoajuda genérica:

Obra	Modalizadores
AAG	463 60,4%
AAS	304 39,6 %
Total	767 100%

Tabela 2: Distribuição das qualificações modais por obra

É possível questionar se essa diferença indica uma maior necessidade do enunciador da autoajuda genérica em expressar avaliações de capacidade, obrigação e possibilidade do que a necessidade dessas mesmas avaliações pelo enunciador da autoajuda da saúde. A validade desse questionamento só poderá ser respondida por meio da análise mais detalhada de cada domínio modal e evidencial que faremos a seguir.

Cada um dos tipos de avaliação modal será analisado utilizando os critérios apresentados na seção anterior. A tabela 3, abaixo, apresenta a distribuição dos modalizadores por domínio da avaliação:

Obra	Epistêmico	Dinâmico	Deontico	Volitivo	Total
AAG	208 44,9%	138 29,8%	112 24,2%	5 1,1%	463 100%
AAS	173 56,9%	62 20,4%	66 21,7%	3 1,0%	304 100%
TOTAL	381 49,7%	200 26,1%	178 23,2%	08 1,0	767 100%

Tabela 3: Distribuição dos modalizadores por domínio da avaliação

Por meio da Tabela 3, podemos perceber que, tanto na autoajuda genérica quanto na autoajuda da saúde, prefere-se o uso dos **modalizadores epistêmicos** sobre os demais modalizadores. Correspondendo, em média, a quase metade de todas as ocorrências, os modalizadores epistêmicos têm uma frequência ainda maior no discurso da autoajuda da saúde. A princípio, essa alta frequência de epistêmicos parece ser incoerente com o discurso da autoajuda: por se tratar de manuais de conduta, a expectativa é que fossem encontrados mais ocorrências de modalizadores deonticos. É possível que essa característica se deva a uma estratégia do enunciador da autoajuda para o convencimento de seus interlocutores. Faremos, agora, uma análise mais detalhada dos modalizadores epistêmicos, que será seguida pela análise comparativa do uso dos demais modalizadores.

Como dito anteriormente, a análise dos modalizadores epistêmicos deverá mostrar de que forma o enunciador avalia a possibilidade de ocorrência de um estado-de-coisas ou a verdade de uma proposição, mostrando maior ou menor segurança com relação ao conteúdo de seu enunciado. Primeiramente, analisamos o alvo da avaliação epistêmica:

Obra	Evento	Proposição	Total
AAG	90 43,3%	118 56,7%	208 100%
AAS	154 89%	19 11%	173 100%

Tabela 4: Modalizadores epistêmicos de acordo com o alvo da avaliação

Os dados apresentados na tabela 4 mostram claramente a preferência do enunciador do discurso da autoajuda da saúde pela escolha de modalizadores epistêmicos orientados para o evento (exemplos 53 e 54), enquanto o enunciador da autoajuda genérica prefere os modalizadores epistêmicos orientados para a proposição (55 e 56)

- (53) Aquilo que é bom hoje **pode** não ser o melhor amanhã, porque encontramos uma nova forma de agir. (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p.41)
- (54) No tocante ao tema abordado, a pessoa que gagueja **pode** até estar bem informada, mas vai gaguejar por falta de confiança em si mesma. (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p.66)
- (55) Evidentemente que não, portanto, de qualquer forma, **certamente** precisaria de ajuda, muita ajuda, para que tudo que você pensou se transformasse em realidade. (OLIVEIRA, 1997, p.5)
- (56) Se você conseguir evoluir nesta vida, mesmo que seja no seu último momento de respiração, **certamente** numa outra continuará esta mesma evolução [...] (OLIVEIRA, 1997, p.32)

Ao orientar a avaliação epistêmica para o evento, o falante realiza uma avaliação a respeito de um estado-de-coisas, com base em seu conhecimento de mundo, como podemos observar no exemplo abaixo

- (57) Em momentos que requeiram decisões, essa pessoa **pode** facilmente entrar em depressão. (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p.146)

Esse exemplo mostra como o modalizador epistêmico é utilizado para descrever a possibilidade de ocorrência de um evento, neste caso, uma pessoa entrar em depressão, baseado no conhecimento de mundo que se tem sobre esse evento e o que o torna possível,

como, nesse caso, a incapacidade de tomada de decisões. Como vimos no capítulo II, esse modalizador é classificado como objetivo epistêmico porque não há a performatividade do comprometimento, tornando essa avaliação menos parcial do que a sua contraparte subjetiva.

Acreditamos que essa escolha modal seja motivada pela temática da saúde de duas formas: por um lado, temos uma característica intrínseca à abordagem do tema, que enfoca a prevenção das doenças. O autor da autoajuda da saúde, logicamente, pretende que seu livro seja lido pelo maior número de pessoas possível, mas sabe que, evidentemente, o leitor não sofre de todos os males descritos na obra. Por esse motivo, frequentemente encontram-se passagens que explicam as possibilidade de ocorrência de uma certa doença. Ou, colocando em outros termos, frequentemente encontram-se passagens em que a ocorrência do estado de coisas, como “causar doença” em (58), é colocado como uma possibilidade:

- (58) É o caso de uma pessoa comunicativa passar a censurar sua expressão, tornando-se calada. Isso **pode** causar doenças na garganta. O mesmo acontece com as crianças que são constantemente repreendidas na expressão verbal; geralmente elas apresentam inflamações na garganta. (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p.20)

Por outro lado, ao evitar o comprometimento com relação às suas avaliações de possibilidade ou certeza, o enunciador torna-se menos parcial, fazendo com que seu discurso se aproxime mais do discurso científico, no qual a parcialidade é uma característica rejeitada. Essa aproximação com o discurso científico não é aleatória: de acordo com Bakhtin (2003), ao construir um enunciado, antecipamos a reação de nossos interlocutores frente às ideias apresentadas em nosso discurso. De acordo com o autor (2003, p. 302),

Ao construir o meu enunciado, procuro defini-lo de maneira ativa; por outro lado, procuro antecipá-lo, e essa resposta antecipável exerce, por sua vez, uma ativa influência sobre o meu enunciado (dou resposta pronta às objeções que prevejo, apelo para toda sorte de subterfúgios, etc.). Ao falar, sempre levo em conta o fundo aperceptível da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de

conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação; levo em conta as suas concepções e convicções, os seus preconceitos (do meu ponto de vista), as suas simpatias e antipatias - tudo isso irá determinar a ativa compreensão responsiva do meu enunciado por ele. Essa consideração irá determinar também a escolha do gênero do enunciado e a escolha dos procedimentos composicionais e, por último, dos meios linguísticos, isto é, o *estilo* do enunciado.

O enunciador da autoajuda da saúde pode esperar uma forte oposição em relação às ideias que apresenta em seu discurso, em especial a tese de que é possível curar qualquer doença por meio do poder interior do indivíduo. Contra esse argumento, existe o conhecimento científico de que existem doenças para as quais ainda não há cura, como o câncer, por exemplo. Esse conhecimento, embora científico, é amplamente divulgado e compartilhado até mesmo por pessoas com pouco acesso à instrução. Assim, prevendo a possível objeção de seu interlocutor, o enunciador da autoajuda da saúde busca aproximar-se do discurso científico, por meio da imparcialidade gerada pelo recurso linguístico da modalização epistêmica objetiva.

Além das possibilidades de comprometimento ou descomprometimento decorrentes da camada em que se aloja o modalizador (evento ou proposição), também é relevante analisarmos o valor da avaliação epistêmica realizada com maior frequência no corpus. A tabela 5, abaixo, apresenta a distribuição dos modalizadores epistêmicos de certeza e incerteza.

Cópus	CERTEZA	POSSIBILIDADE
AAG	125 87,4%	83 34,9%
AAS	18 12,6%	155 65,1%
TOTAL	143 100%	238 100%

Tabela 5: distribuição dos modalizadores de acordo com o eixo epistêmico

Analisando inicialmente apenas a manifestação de possibilidade, podemos observar que o enunciador da autoajuda da saúde realiza mais avaliações de possibilidade (65,1%) do que o enunciador da autoajuda genérica (34,9%). A princípio, essa característica da autoajuda da saúde seria contraditória com relação às teses defendidas por ela, mais especificamente, com relação à tese de que é necessário acreditar plenamente em seus objetivos, sem demonstrar insegurança, como pode ser observado no exemplo abaixo:

- (59) Para que a condição interna se torne realidade, é necessário crer de forma total, visceral, apaixonadamente ou a corporificar tais idéias (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p. 18-19)

Entretanto, como vimos anteriormente, a avaliação de certeza ou possibilidade pode ser realizada por um modalizador orientado para a proposição ou para o estado-de-coisas, em outras palavras, apresentando maior ou menor comprometimento com relação à avaliação realizada. Nas tabelas 6 abaixo, mostramos a distribuição dos modalizadores de possibilidade, de acordo com o alvo da avaliação:

Córpus	Evento	Proposição	Total
AAG	69 83,13%	14 16,87%	83 100%
AAS	151 97,42%	4 2,58%	155 100%

Tabela 7: Modalizadores de possibilidade de acordo com o alvo da avaliação

Podemos observar que as avaliações de possibilidade, em ambas as temáticas, são orientadas, em sua maioria para o evento, atuando na camada do estado-de-coisas. Em comentário acerca do nível da predicação da Gramática Funcional de Dik (1989), que equivale à camada do estado-de-coisas da GDF, Dall’Aglio-Hattner (1995, p. 91-92) afirma que, ao modalizar seu enunciado nesse nível,

o falante se utiliza de meios linguísticos para fornecer ao ouvinte uma descrição de um estado-de-coisas, avaliando o estatuto de realidade desse estado-de-coisas. A predicação apenas dá a descrição de uma situação externa a que o falante faz referência como certa, provável ou possível. [Desse modo,] o falante se furta à responsabilidade sobre o valor de verdade de seu enunciado.

Assim, apesar de o enunciador da autoajuda da saúde expressar mais possibilidade do que o enunciador da autoajuda genérica, observa-se que a quase totalidade de ocorrências de possibilidade se dá na camada do Estado-de-Coisas. Ou seja, ainda que realizem em frequências diferentes as aliações de possibilidade, o enunciador da autoajuda, tanto da genérica como da específica da saúde, furta-se de responsabilidade sobre essas avaliações, indicando apenas que, de acordo com o conhecimento de mundo disponível, algo é possível ou não.

Passemos agora à análise das avaliações de certeza. Como vimos na tabela 5, o enunciador da autoajuda genérica realiza mais avaliações de certeza (87,4%) do que o enunciador da autoajuda da saúde (12,6%). Observa-se, ainda, que essas avaliações ocorrem marcadamente na camada da proposição nas duas obras analisadas:

Cópus	Evento	Proposição	Total
AAG	21 16,8%	104 83,2%	125 100%
AAS	3 16,67%	15 83,33%	18 100%

Tabela 6: Modalizadores de certeza de acordo com o alvo da avaliação

De acordo com as características do discurso da autoajuda apresentadas anteriormente, o esperado seria que o enunciador realizasse poucas avaliações epistêmicas, uma vez que, mesmo as indicações de maior grau de certeza como, por exemplo, **seguramente**, **com certeza** etc. não se equivalem à segurança demonstrada pela ausência de modalizador lexical; se algo é certo não há necessidade de se reafirmar sua certeza. A explicação para essa alta

ocorrência de modalizadores de certeza no discurso da autoajuda genérica pode ser buscada no alvo de avaliação desses modalizadores. Em sua expressiva maioria, as avaliações de certeza realizadas pelo enunciador da autoajuda genérica estão na camada da proposição, como podemos observar nos exemplos abaixo:

- (61) **Com certeza** conseguiu resgatar todos os bons momentos que tinha vivido no passado com seu pai numa vida anterior, transferindo para o filho dando continuidade nos sentimentos bons que existiram numa outra vida (...) (OLIVEIRA, 1997, p.96)
- (62) Neste momento você está magnetizando o seu produto e **certamente** atrairá muita gente para comprá-lo, e todos indicarão o seu estabelecimento e **sem dúvida alguma**, terá muito sucesso em suas vendas. (idem, p.109)

Além disso, no discurso da autoajuda genérica encontramos diversas avaliações de certeza realizadas por meio de locuções com substantivos. No discurso da autoajuda da saúde, encontramos apenas uma ocorrência desse tipo de modal, havendo a preferência de formas adverbiais para os modalizadores epistêmicos orientados à proposição. Segundo Nuyts (1993), nos casos de uso adverbial, o interlocutor recebe a qualificação expressa por esses modalizadores como independente da avaliação do falante. Ainda que sejam manifestações de subjetividade, não há marcas visíveis dessa subjetividade, ao contrário do que acontece com os substantivos. Comparem-se os exemplos abaixo, em que apresentamos uma forma adverbial (63) e uma forma com substantivo (64).

- (63) **Certamente** haverá algo à sua escolha (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p. 26)
- (64) ... procure o mais rápido possível colocá-los em prática custe o que custar, e **tenho a certeza que** estará no caminho certo para prosperar cada vez mais. (OLIVEIRA, 1997, p. 167)

O que podemos concluir a esse respeito é que, das manifestações de certeza realizadas pelo enunciador da autoajuda genérica, decorrem dois efeitos de sentido igualmente importantes para a construção da argumentação: sendo avaliações que incidem sobre temas altamente subjetivos, como “resgatar todos os bons momentos do passado”, em (61), ou “atrair muita

gente para comprar”, em (62), não cabe a indicação de certeza que decorreria de uma asserção não modalizada lexicalmente. Resta então ao enunciador buscar a aproximação da verdade, modalizando como certo o conteúdo do seu enunciado, tomando o cuidado de manter essa avaliação como subjetiva. A certeza comprometida, nesse caso, atua como um reforço do valor de verdade atribuído pelo enunciador ao conteúdo proposicional do seu enunciado.

Em resumo, em relação à modalidade epistêmica, podemos identificar as seguintes relações entre tema e uso:

- i) a preferência pela indicação de possibilidade no discurso da autoajuda da saúde, decorrente da natureza intrinsecamente incerta das questões relacionadas às doenças. Somado a isso, a opção do enunciador por avaliações do estado-de-coisas, que apresentam a qualificação dos eventos como provável/possível como se fossem independentes da subjetividade do falante;
- ii) a preferência pela indicação de certeza no discurso da autoajuda genérica, decorrente o da necessidade de asseveração de temáticas sabidamente subjetivas, que não poderiam ser afirmadas como absolutamente certas por meio de enunciados não modalizados lexicalmente, e nem como certezas objetivamente estabelecidas.

Vejamos, agora, o comportamento dos outros tipos de modalizadores, analisados comparativamente nas duas obras conforme exposto na tabela 3 acima.

Podemos perceber uma tendência para o uso de modalizadores dinâmicos na autoajuda genérica (29,81% contra 20,39% na autoajuda da saúde) e uma tendência mais atenuada para o uso de modalizadores deônticos (24,19% contra 21,71%). Embora não caracterize uma grande diferença entre os dois enunciadores, a tendência de maior uso deôntico pode ser atribuída a uma diferença na concepção das "leis" que regem o universo e garantem que os objetivos sejam alcançados. Na autoajuda genérica, as leis estipulam *o que deve ser feito* para

que se alcance o objetivo desejado. Na autoajuda da saúde, a lei que se estabelece é relativa à organização do universo como um todo, ou seja, *explica como as coisas são*. Poderíamos comparar essas leis, respectivamente, às normas de trânsito e à lei da gravidade. Exemplificamos a forma de apresentação dessas duas leis nos excertos abaixo:

- (51) Evidentemente, [para realizar seus objetivos] não basta somente mentalizar os desejos, **existem leis regidas pelo Criador do Universo através de nossa mente que devem ser obedecidas**. (OLIVEIRA, 1997, p.18, grifo nosso)
- (52) Um ato pode ser natural para uma pessoa e perigoso para outras. O universo se organiza sob a lei da individualidade. **A lei da vida é relativa à individualidade, à evolução e à singularidade**. Em suma, a pessoa só fica doente quando seus pensamentos e ações são contrários ao fluxo de sua natureza íntima e sua relativa sabedoria. (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p.37)

Como se pode observar, (51) afirma a existência de uma lei que tem de ser seguida, enquanto enquanto (52) afirma a existência de uma lei e explicita as consequências da não-obediência a essa lei, ficando a necessidade deôntica mais implícita. Embora haja essa diferença, é necessário ressaltar que a diretividade é uma característica do discurso da autoajuda, tanto da genérica como a da saúde, por se tratar de manuais de conduta para o alcance de objetivos. Entretanto, a diferença na frequência dos modalizadores deônticos nos dois tipos de autoajuda indica um caráter mais impositivo da temática genérica. A análise apenas em termos de frequência, entretanto, não é suficiente para avaliarmos como esse caráter impositivo se concretiza. Vejamos, então, uma análise mais detalhada do comportamento dos modalizadores deônticos e dinâmicos:

A Tabela 8, abaixo, mostra a frequência dos modalizadores deônticos, distribuídos de acordo com o tipo de dever instaurado: proibição, obrigatoriedade, necessidade e permissão. É possível notar que, enquanto o enunciador da autoajuda da saúde apresenta um equilíbrio entre as avaliações de proibição e obrigatoriedade, preferindo as avaliações de necessidade, o

enunciador da autoajuda genérica mantém um equilíbrio entre as avaliações de necessidade e obrigatoriedade, prevalecendo esses dois tipos sobre os demais.

Obra	Proibido	Obrigatório	Necessário	Permitido	Total
AAG	12 10,6%	49 43,4%	44 38,9%	8 7,1%	113 100%
AAS	14 21,2%	14 21,2%	38 57,6%	0 0%	66 100%

Tabela 8: tipo de avaliação deontica

As ocorrências (65) e (66), abaixo, ilustram a instauração da obrigação no discurso da autoajuda genérica; (67) e (68) são exemplos da instauração de necessidade no discurso da autoajuda da saúde:

- (65) O hábito de policiar pensamentos **deve** fazer parte de sua vida (...) (OLIVEIRA, 1997, p. 68)
- (66) Assim que tiver certeza dos desejos de prosperidade, **deve** pensar vinte e quatro horas no desejo (...) (idem, p.167)
- (67) Para que a condição interna se torne realidade, **é necessário** crer de forma total, visceral, apaixonadamente ou a corporificar tais idéias. (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p.18)
- (68) Para amenizar os problemas respiratórios **é necessário que** você se abra para a vida e aprenda a absorver o que está acontecendo à sua volta. (idem, p.49)

Seria tentador afirmar neste instante que a característica do discurso da autoajuda genérica seria uma maior diretividade; dito de outra forma, uma tendência maior do enunciador desse discurso em instaurar deveres, devido à frequência das avaliações de obrigação. Entretanto, não podemos desconsiderar que a proibição também é uma instauração de ordem, da mesma forma que a obrigação.

O caráter diretivo do discurso pode ser também examinado por meio do alvo da avaliação modal. Ao realizar a avaliação deontica orientada para o evento, o enunciador estabelece aquilo que é genericamente necessário, obrigatório, proibido ou permitido. Dessa

forma, o dever é atribuído a todas as pessoas, o que não acontece com os modalizadores deônticos orientados para o participante.

Obra	Evento	Participante	Total
AAG	32 28,32%	81 71,68%	113 100%
AAS	40 60,6%	26 39,4%	66 100%

Tabela 9: Orientação dos modalizadores deônticos

Podemos perceber que há uma clara diferença na escolha do alvo da avaliação deôntica, havendo a preferência do enunciador da autoajuda genérica pela orientação ao participante. Como dito anteriormente, ao realizar a avaliação orientada ao evento (exemplos 69 e 70), o enunciador avalia aquilo que é geralmente obrigatório, proibido, aceitável etc., e, portanto, menos impositivo do que a avaliação orientada ao participante (71 a 72). Vejamos exemplos das ocorrências encontradas no corpus:

- (69) É inaceitável **crer que um ser superior governe tudo como um déspota ou mesmo que é o acaso que provoca todos os contratempos** (...) (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p. 14)
- (70) Não basta almejar um bom emprego ou fazer bons negócios, é preciso **sentir-se em condições de ser contratado e merecedor da oportunidade profissional**. (idem, p. 19)
- (71) Neste momento **você** deve imaginar esta luz acompanhando você, a imagem de Cristo, imagine vocês dois voando e sendo irradiado de suas mãos e das dele também, raios, luzes, em forma de relâmpagos, trovões, como se fosse real (OLIVEIRA, 1997, p.152)
- (72) Neste momento **você** deve seguir as instruções de sua voz interior corretamente (...) (idem, p. 170)

Normalmente, a obrigação deôntica não incide sobre o falante. Entretanto, o enunciador pode incluir-se como alvo da obrigação, como estratégia de mitigação da diretividade. Por esse motivo, analisamos também se, nas avaliações orientadas ao participante, houve ou não a inclusão do enunciador como alvo deôntico.

Obra	Inclusão	Não-inclusão	Total
AAG	20 24,7%	61 75,3%	81 100%
AAS	12 46,15%	14 53,85%	26 100%

Tabela 10: Inclusão do enunciador na obrigação deôntica

Ainda que haja predominância para a não inclusão do enunciador como alvo da avaliação deôntica orientada ao participante, a inclusão do enunciador no discurso da autoajuda da saúde foi mais frequente (46,15%) do que no discurso da autoajuda genérica (24,7%), mostrando que a maior diretividade, de fato, é uma característica do discurso da autoajuda genérica. Abaixo, apresentamos exemplos da ocorrência de não-inclusão no discurso da autoajuda genérica (73 e 74) e de inclusão no discurso da autoajuda da saúde (75 e 76):

- (73) Resumindo toda esta explicação sobre o *Sujeito da Oração*, você **deve** se policiar constantemente transformando num hábito a maneira certa de mentalizar um desejo (OLIVEIRA, 1997, p. 17)
- (74) Quanto ao estoque **deverá** ter todo o cuidado possível para não estocar produtos fora da previsão de vendas ... (OLIVEIRA, 1997, p. 125)
- (75) Como qualquer aparelho de altíssima tecnologia, **precisamos** conhecer seu manual de funcionamento. (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p.17)
- (76) **Não podemos** nos empenhar visando apenas os resultados compensadores. (OLIVEIRA, 1997, p. 84)

A diretividade pode ser notada também por meio da avaliação de capacidade. Vejamos, no quadro abaixo, a distribuição dos modalizadores dinâmicos, de acordo com o agente do verbo modalizador:

Obra	Enunciador	Interlocutor	Outro participante (singular)	Outro participante e o falante	Outro participante (plural)	Total
AAG	- -	39 31,2%	65 52%	7 5,6%	14 11,2%	125
AAS	2 3,58%	4 7,14%	32 57,14%	14 25%	4 7,14%	56

Tabela 11: agente do verbo modalizador dinâmico

Como pode ser observado, embora ambos os discursos qualifiquem uma terceira pessoa como capaz de realizar um estado-de-coisas, o discurso da autoajuda genérica tem como característica própria dirigir-se ao seu interlocutor de maneira direta. Vejamos um exemplo abaixo:

- (77) A partir do momento que **você** começar a se dedicar se conhecendo interiormente e fazendo cumprir todas as leis do Universo, certamente **poderá** mudar todas as linhas de sua vida, encontrando sua verdadeira linha de origem, e, com toda certeza será muito feliz. (OLIVEIRA, 1997, p.103)

O enunciador da autoajuda da saúde, por outro lado, dirige-se ao seu interlocutor de maneira direta com uma frequência muito menor, mostrando-se, dessa forma, menos impositivo.

Assim, embora a diretividade seja uma característica comum às duas temáticas, uma vez que se tratam de manuais de conduta para alcançar determinados objetivos, na autoajuda de temática genérica, essa diretividade é realizada de maneira mais acentuada do que na autoajuda de temática sobre saúde.

Ainda que não possamos fazer uma afirmação absoluta, é possível que essa maior imposição do enunciador da autoajuda genérica seja resultante de uma relação intertextual com o discurso religioso. Embora tanto o enunciador da autoajuda genérica como o da saúde recorram ao discurso religioso, mencionando, em diversas passagens, entidades como *Deus*, o discurso da autoajuda genérica parece estar mais relacionado à religião cristã, enquanto o discurso da autoajuda da saúde parece estar mais aberto a religiões orientais. Na obra de Gasparetto e Valcapelli, por exemplo, encontramos menções diversas ao hinduísmo. Poder-se-ia argumentar que a religião cristã seja mais prescritiva do que as religiões orientais, exercendo, assim, influência diversa no comportamento diretivo do enunciador da autoajuda

genérica. Essa afirmação, entretanto, pode ser contestada, caso se considere a religião hindu tão prescritiva quanto a religião cristã.

É possível, ainda, que a temática da saúde não possibilite ao seu enunciador a mesma segurança oferecida pela temática genérica. Enquanto a "solução" oferecida pela autoajuda genérica baseia-se mais na crença na realização dos objetivos, a "solução" oferecida pela autoajuda da saúde baseia-se mais no controle dos sentimentos, positivos e negativos. O controle dos sentimentos, aparentemente, é mais difícil do que o controle dos desejos, resultando em uma diretividade menos impositiva.

Último domínio a ser analisado, a modalidade volitiva mostrou-se muito pouco produtiva: em todo o corpus, encontramos apenas oito ocorrências, cinco da autoajuda genérica e três da autoajuda da saúde. Além do baixo número de ocorrências, os modalizadores encontrados mostraram ser bastante similares. Listamos, abaixo, as oito ocorrências encontradas:

- (78) Neste livro “*Os Segredos da Prosperidade*”, eu, Fausto Oliveira, **pretendo** passar para você todas as formas de chegar a um ideal financeiro de forma simples e inteligente ... (OLIVEIRA, 1997, p. 2)
- (79) [...] somos instrumentos uns dos outros, e o trabalho que faço neste momento encaro naturalmente, de forma profissional e, também, **espero que** você aprenda de forma profissional. (idem, p.19)
- (80) Dentro de uma ordem literária, deveria estar na primeira página desta obra, mas eu, Fausto Oliveira, **estou procurando** passar para o leitor todas as leis da prosperidade dentro de um seguimento prático de assimilação. (idem, p. 47)
- (81) Em breve, **esperamos** estar em todo o Brasil ... (idem, p.198)
- (82) **Espero que** esta obra seja útil em sua vida em todos os seus momentos. (idem, p. 219)
- (83) Depois de alguns anos, estamos mostrando nesta coleção nossos resultados, **esperando que** possam ao menos ser úteis no pensamento das pessoas que já estão preparadas para refletir e compreender além do convencional. (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p. 12)
- (84) Ele permite a cada um de nós articular entre as infinitas oportunidades de cada instante, levando-nos aos caminhos que **desejamos** seguir na vida. (idem, p.26)

- (85) Mesmo nada podendo fazer, ficamos preocupados com a condição alheia e **queremos** de alguma forma ajudar. (idem, p.94)

O baixo número de volitivos é relativamente surpreendente, pois uma das teses da autoajuda é a de que também é necessário desejar para que o objetivo seja alcançado. O desejo, talvez, seja dado como pressuposto no discurso da autoajuda; afinal, seus interlocutores, obviamente, desejam alcançar algum objetivo, ou de outra forma não buscariam a autoajuda. A fonte da volição parece não ser o interlocutor, mas sim o enunciador.

Os volitivos, especialmente os orientados para a proposição, foram encontrados, em sua maioria, na introdução e nos capítulos finais. Nesses segmentos, os autores se dirigem aos seus interlocutores, relatando quais eram os objetivos esperados com a produção do livro. Dito de outra forma, é válido considerar que, naquele espaço, os enunciadores expõem o que esperam alcançar da interação verbal que se instaura naquele instante.

Do exposto acima, podemos concluir que a temática dos discursos parece não ter efeito sobre a escolha dos modalizadores volitivos, sendo mais evidente a influência da função da trecho do discurso analisada, no caso, a parte da introdução e apresentação da obra.

Após a análise dos diferentes domínios modais, analisamos também as formas de expressão dos modalizadores. O resultado é apresentado na tabela abaixo:

Forma	Cópus	Epistêmicos	Deônticos	Dinâmicos	Volitivos	Total
Advérbios	AAG	96	-	-	-	96
	AAS	14	-	-	-	14
Adjetivos	AAG	1	17	8	-	26
	AAS	6	32	14	-	52

Verbos plenos	AAG	-	22	85	5	112
	AAS	-	13	20	3	36
Auxiliares modais	AAG	89	73	45	-	207
	AAS	150	21	25	-	196
Substantivos	AAG	22	-	-	-	22
	AAS	3	-	3	-	6

Tabela 12: distribuição dos modalizadores de acordo com as formas de expressão

Podemos observar que, nas avaliações modais, a forma mais utilizada foram os verbos auxiliares, com 403 ocorrências em todo o corpus. Por esse motivo, investigamos especialmente o uso modal dos verbos *poder* e *dever*.

Koch (1981), em seu estudo semântico-pragmático sobre esse verbo em língua portuguesa, esclarece que o verbo *poder* é um dos modais com maior número de matizes de significado: do ponto de vista semântico, o verbo *poder* exprime os seguintes valores: permissão, possibilidade e capacidade. Na tabela abaixo, temos a distribuição do verbo *poder*, de acordo com o tipo de avaliação realizada:

Obra	Epistêmico	Dinâmico	Deontico	Total
AAG	72 57,6%	41 32,8%	12 9,6%	125 100%
AAS	147 83,05%	24 13,56%	6 3,39%	177 100%

Tabela 13: distribuição do verbo *poder* de acordo com o domínio da modalização

Podemos notar, novamente, a preferência de ambos os enunciadores pelo valor epistêmico, mas percebemos também que a frequência é significativamente maior na autoajuda da saúde (83,05% contra 57,6%). A frequência dos modalizadores dinâmicos e deonticos também mostrou-se maior na autoajuda genérica, confirmando a tendência desse enunciador para o comportamento mais diretivo.

Ao contrário do encontrado na análise do verbo *poder*, o valor epistêmico mostrou maior frequência na autoajuda genérica (28,7%) do que na autoajuda da saúde (11,8%). O resultado condiz com o fato de que o enunciador da autoajuda genérica realiza avaliações de certeza com maior frequência do que o enunciador da autoajuda da saúde (v. tabela 5), uma vez que o verbo *dever* expressa uma possibilidade mais alta do que o verbo *poder*.

Cópus	Deontico	Epistêmico	Total
AAG	52 71,3%	21 28,7%	73 100%
AAS	15 88,2%	2 11,8%	17 100%

Tabela 14: Distribuição do verbo *dever* de acordo com o domínio da modalização

O fato de haver preferência nos dois tipos de discurso de autoajuda pelo valor deontico no uso do verbo *dever* pode ser explicado pela própria origem do uso deontico do verbo. De acordo com Ferreira (1999), o uso deontico do verbo *dever* provavelmente tenha surgido do latim, motivada pela aproximação das noções de *ser devedor de* e *ter a obrigação de*. Ainda de acordo com a autora, casos de ambiguidade do verbo mostram como o modal teria passado de seu uso deontico para o epistêmico, como o exemplo abaixo:

- (87) Os professores que passaram no concurso municipal devem começar a dar aulas ainda neste semestre.

O sentido epistêmico surge a partir de uma inferência do tipo "se os professores têm a obrigação de iniciar as aulas ainda neste semestre, isso provavelmente vai acontecer". A possível primazia do sentido deontico, então, poderia explicar essa frequência do verbo *dever*.

Da mesma forma que analisamos mais detalhadamente os modalizadores, também nos aprofundamos na análise dos evidenciais. A Tabela 15, abaixo, apresenta a distribuição dos evidenciais, de acordo com o modo de obtenção da informação.

Obra	Reportativo	Inferencial	Percepção	Total
AAG	21 38,2%	34 61,8%	-	55 100%
AAS	22 57,9%	15 39,5%	1 2,6%	38 100%

Tabela 15: Distribuição dos evidenciais por modo de obtenção da informação apresentada.

Embora a frequência do uso dos evidenciais fosse a mesma com relação ao total de qualificações (modal ou evidencial, cf. Tabela 1), as informações introduzidas por esses evidenciais foram obtidas de formas diferentes, como pode ser observado na Tabela 15. No discurso da autoajuda da saúde, o enunciador se apoia mais em informações relatadas (57,9%) do que no discurso da autoajuda genérica (38,2%), que por sua vez apresenta maior uso de inferências (61,8%). Abaixo, apresentamos exemplos das ocorrências de evidenciais inferenciais na autoajuda genérica (exemplos 88 a 90, OLIVEIRA, 1997) e evidenciais reportativos na autoajuda da saúde (91 a 93, GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003).

- (88) **Evidentemente**, não basta somente mentalizar os desejos, existem leis regidas pelo Criador do Universo através de nossa mente que devem ser obedecidas. (p. 18)
- (89) **Evidentemente**, toda regra tem exceção, se você está nesta situação e possui um cargo bem valorizado terá que procurar um emprego em sua área ... (p. 135)
- (90) **Evidente que** você não deve sair por aí presenteando todo mundo ... (p.180)
- (91) **Conforme estatísticas publicadas no Manual Merck de Medicina**, em 10% a 20% dos asmáticos, a crise é provocada por alérgenos ... em outros 30% a 50%, parece ser deflagrada por fatores não alérgicos ... (p.76)
- (92) **Segundo Kolb**, "dificuldades sexuais são comuns tanto nos homens quanto nas mulheres portadoras de diabetes..." (p.150)
- (93) Desde o tempo de Hipócrates **comentava-se que** existia a associação entre problemas emocionais e a precipitação de ataques asmáticos. (p.77)

A diferença pode ser explicada, possivelmente, pela própria temática de cada discurso. Como dito anteriormente, o enunciador da autoajuda da saúde prevê oposições às suas teses, como a de que todas as doenças, inclusive o câncer, podem ser curadas por meio do poder da mente. Por esse motivo, encontramos no discurso da autoajuda da saúde um número maior de ocorrências de modalizadores epistêmicos localizados na camada do Estado-de-Coisas. Há, ainda, outro argumento que pode ser contestado pelo interlocutor, a saber, a ideia de que nem todas as doenças são causadas por fatores psicológicos, como, por exemplo, as doenças hereditárias. O enunciador da autoajuda da saúde antecipa esses contra-argumentos, o que pode resultar em duas marcas dialógicas: a menção à polêmica em questão, trazendo a voz da ciência tradicional para o seu texto, para, então, refutá-lo, e a aproximação do fazer "científico". Um exemplo dessa menção à polêmica segue abaixo:

- (94) **A ciência explica que** o único modelo organizacional do corpo humano é a genética, ou seja, os genes dos pais são os fatores exclusivos e determinantes das características fisiológicas. (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p.38)

O enunciador da autoajuda da saúde, por meio de um evidencial, dialoga com o discurso científico, reconhecendo e incorporando essa voz ao seu discurso. No entanto, logo em seguida, faz sua réplica, ainda que com concessões, como é o caso do exemplo abaixo:

- (95) A metafísica **admite**, porém, que todas as pessoas herdam uma carga genética que indubitavelmente é necessária para a constituição biológica. **No entanto**, o que determina as características fisiológicas são os fatores existentes no âmago do ser. (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p.39)

Como dito, o enunciador da autoajuda da saúde aproxima-se do fazer "científico" como resultado da presença da voz do discurso científico que argumenta contra as suas teses. Essa aproximação é realizada por meio do uso frequente de evidenciais reportativos.

O enunciador da autoajuda genérica, por outro lado, não é confrontado diretamente por nenhum discurso de notável reconhecimento, como o científico, e, por esse motivo, pode

optar por outra estratégia: apresentar seus argumentos como aceitos ou facilmente dedutíveis por qualquer pessoa.

Um outro fato interessante a ser observado é a ausência de evidenciais de percepção. Trata-se de uma característica natural da língua portuguesa, para a qual a necessidade de se marcar a informação como obtida por meios sensoriais é muito pequena. De acordo com Dall'Aglio-Hattner (2001), em língua portuguesa, quando a fonte da evidência não é explicitada, pode-se inferir que o falante teve acesso direto (por meio da percepção sensorial - visual ou auditiva, por exemplo) à informação veiculada em seu enunciado.

Outra característica no uso dos evidenciais que aproxima os dois discursos é que as inferências realizadas, tanto na AAG como na AAS, eram, em sua maioria, baseadas em evidências apresentadas como disponíveis a todos, como pode ser observado nos exemplos abaixo:

- (96) **Evidentemente**, não basta somente mentalizar os desejos, existem leis regidas pelo Criador do Universo através de nossa mente que devem ser obedecidas. (OLIVEIRA, 1997, p. 18)
- (97) **Obviamente** o contágio e os fatores climáticos favorecem a epidemia, no entanto não se pode negar os fatores internos de cada pessoa [...] (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p.54)

Além do modo de obtenção, outro fator interessante a ser analisado é a fonte da informação dos evidenciais reportativos. Como pode ser observado no quadro abaixo, o discurso da autoajuda genérica prefere, no uso de reportativos, utilizar como fonte de suas informações o saber comum. O enunciador do discurso da autoajuda da saúde, por sua vez, além de utilizar mais evidenciais reportativos (como visto na tabela anterior), também identifica com mais frequência a fonte desses relatos.

Obra	Outro Definido	Outro Indefinido	Saber Comum	Total
AAG	1 4,76%	8 38,10%	12 57,14%	21 100%
AAS	7 31,82%	9 40,91%	6 27,27%	22 100%

Tabela 16: Distribuição dos evidenciais reportativos de acordo com a fonte da informação

Os relatos de fonte identificável asseguram ao interlocutor a possibilidade de avaliar a qualidade da informação apresentada e, por isso, dão mais credibilidade ao enunciador. Os relatos de fonte não identificável, por outro lado, são mais facilmente contestados, prejudicando a credibilidade dos argumentos apresentados pelo enunciador com relação à comunidade científica, mas não prejudica sua credibilidade com relação ao público leigo, que, em geral, não tem informações suficientes para avaliar a qualidade da fonte expressa. O exemplo (98), abaixo, mostra um evidencial reportativo não identificado, utilizado pelo enunciador da autoajuda genérica. O exemplo (99) se refere a um reportativo identificado da autoajuda da saúde.

- (98) Partindo do princípio que somos eternos, que existiremos sempre, mesmo assim é importante lembrar que: **segundo pesquisas**, o que vai acontecer numa outra vida, depende desta, depende de todos os resultados desta nossa vida. (OLIVEIRA, 1997, p. 31)
- (99) **Conforme estatísticas publicadas no Manual Merck de Medicina**, em 10% a 20% dos asmáticos, a crise é provocada por alérgenos [...] em outros 30% a 50%, parece ser deflagrada por fatores não alérgicos [...] (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p.76)

Note-se que, embora o enunciador da autoajuda indique como fonte de sua informação uma pesquisa, nenhum outro dado sobre essa fonte é fornecido. Não se sabe que tipo de pesquisa, nem por quem ela é realizada. O enunciador da autoajuda da saúde, por outro lado, mostra claramente que tipo de pesquisa foi realizada e por quem.

Tal diferença na escolha dos evidenciais também pode ter sua origem na escolha temática. O enunciador da autoajuda da saúde defende que seu interlocutor pode alcançar objetivos tidos como impossíveis pelo conhecimento científico atual, como por exemplo, a cura do câncer. Além disso, por trabalhar com a temática da saúde, o enunciador relaciona-se obrigatoriamente com o discurso da medicina, o que exige uma certa "cientificidade" por parte do enunciador. Observando o exemplo abaixo, podemos ver como a aparência de cientificidade é realizada por meio do uso do evidencial reportativo identificado:

- (100) **Segundo Jack M. Gwaltney, pesquisador da Universidade da Virgínia, nos Estados Unidos**, "a sinusite não é uma complicação da gripe, mas uma parte integrante dela". (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p. 59)

Note-se que a identificação da fonte é complementada com uma descrição que dá ainda mais credibilidade à informação apresentada.

Outra forma pela qual o enunciador da autoajuda da saúde busca aparentar uma "cientificidade" é por meio de uma bibliografia apresentada ao final do livro, seguindo uma padronização acadêmica, como por exemplo as encontradas em GASPARETTO e VALCAPELLI (2003) e CAIRO (1999). Na autoajuda genérica, por outro lado, nenhum tipo de bibliografia pôde ser encontrada.

Naturalmente, o enunciador do discurso da autoajuda genérica jamais se apresentaria como uma pessoa leiga, nem diria que seu estudo não é científico. Ao contrário, esse enunciador apresenta seu livro, já nas primeiras páginas, como resultado de um estudo sério, realizado em um centro de pesquisas:

- (101) Todas as informações que passo neste livro, têm base (sic) paraciência, com pesquisas realizadas com milhares de regressões e progressões de memória no Centro de Parapsicologia e Ciências Mentais do Rio de Janeiro e em várias entidades de pesquisas espalhadas por todo o mundo. (OLIVEIRA, 1997, p. 8)

Contudo, embora o livro seja apresentado como resultado de pesquisas científicas, ou paracientíficas, como prefere o autor, o uso dos evidenciais mostrou que o efeito de sentido de busca de credibilidade nos reportativos é maior na autoajuda da saúde.

Vendrame (2005) descreveu o uso de evidenciais no discurso científico por meio da análise de artigos científicos primários, publicados em três revistas científicas, pertencentes à áreas diferentes do conhecimento - linguística, biologia e matemática. Em seu estudo, a pesquisadora constatou que o tipo de fonte evidencial em orações complexas mais utilizado nesse discurso é o relato com fonte definida (p. 64). Dessa maneira, podemos inferir que o uso dos evidenciais no discurso da autoajuda da saúde aproxima-se mais do discurso científico do que a autoajuda genérica.

Como dito anteriormente, os evidenciais, além de veicular a fonte da informação, também mostram o comprometimento do falante com relação ao seu enunciado. Embora ainda não haja uma hierarquia de comprometimento para os evidenciais, é legítimo observar que algumas formas propiciam maior comprometimento do que outras, especialmente analisando-se somente os inferenciais. Por exemplo, o verbo *acreditar*, na primeira pessoa do singular, mostra mais comprometimento do que o verbo *parecer*, na terceira pessoa. Por outro lado, um verbo como *achar* mostra menor confiança na informação veiculada do que o verbo *acreditar*.

Em todo o corpus, encontramos 7 ocorrências de verbos inferenciais em que não havia a evidência disponível a todos: 2 da autoajuda genérica e 5 da autoajuda da saúde. Das 5 ocorrências na autoajuda da saúde, todas são do verbo *parecer*, que nunca aparece acompanhado de pronome pessoal ("*me parece*"). Apresentamos, abaixo, um exemplo do uso do verbo *parecer* :

- (102) Mesmo a medicina paralela, não convencional e alternativa, **parece** ter muitos problemas para entender ou explicar estas questões. (GASPARETTO; VALCAPELLI, 2003, p.11)

Essa forma é considerada de baixo comprometimento, se compararmos, por exemplo, com a forma *acredito que*. Na autoajuda genérica também veremos que não há muito comprometimento. Primeiramente, há um baixo número de verbos inferenciais. Segundo, as duas únicas ocorrências desses verbos se dão de maneira a expressar ironia:

- (103) ... mas em termos de cabeça você só tem uma, **eu acho**...ou não é? E se você possui mais de uma cabeça o seu problema é mais sério do que pensei, a solução... só uma cirurgia, mesmo assim **acho que** não vai ficar muito bom. (OLIVEIRA, 1997, p.148)

O enunciador utiliza a obviedade do fato de todas as pessoas terem apenas uma cabeça para tentar alcançar um efeito humorístico, qualificando essa afirmação como incerta. Dessa forma, embora utilize um evidencial de alto comprometimento, a dúvida expressa por esse evidencial não chega a ser uma ameaça à imagem de pessoa segura que seu enunciador deseja exibir.

Portanto, a análise dos verbos inferenciais também mostra uma aproximação entre os enunciadores da autoajuda genérica e da saúde, havendo o uso de formas que expressam baixo comprometimento em ambas obras do corpus.

Procuramos mostrar, na análise apresentada, as diferenças e semelhanças no uso dos modalizadores e evidenciais entre os dois tipos temáticos do discurso da autoajuda: a autoajuda genérica e a autoajuda da saúde. Em nossa análise, buscamos mostrar, também, de que maneira os efeitos de sentido diversos desses usos servem às necessidades comunicativas dos falantes em suas respectivas relações dialógicas com outros discursos. Em nossas considerações finais, apresentamos um resumo dos resultados de nossa análise.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou mostrar o uso dos modalizadores e evidenciais no discurso da autoajuda em dois subtipos desse discurso, definidos pela escolha temática dos objetivos propostos: *autoajuda genérica*, que se refere a todos os tipos de objetivos (no campo das finanças, dos relacionamentos etc.), e *autoajuda da saúde*, que se refere ao tratamento exclusivo da prevenção e cura de doenças.

Por se tratar de uma análise de textos efetivamente produzidos e por levar em consideração a relação estabelecida entre forma e função, a abordagem funcional mostrou-se como a mais adequada para o estudo realizado. O estudo da modalidade e evidencialidade, por sua vez, faz necessária uma abordagem que leve em conta a estratificação do enunciado, captando melhor as distinções entre os tipos subjetivo e objetivo dessas avaliações.

Com relação ao uso dos modalizadores e evidenciais, notamos as seguintes características comuns às duas temáticas diferentes do discurso da autoajuda: a) a frequência de uso de modalizadores e evidenciais se dá da mesma forma, respectivamente, cerca de 90% e 10% do total de ocorrências; b) há preferência pelo uso de modalizadores epistêmicos em relação aos outros domínios modais; c) com relação ao eixo epistêmico, os modalizadores de certeza são, em maioria, realizados na camada da Proposição, enquanto os modalizadores de possibilidade são realizados, em maioria, na camada do Estado-de-Coisas; d) baixa frequência

de volitivos; e) quanto aos evidenciais, os inferenciais são apresentados, em sua maioria, como baseados em evidências disponíveis a todos; f) quando a inferência não é apresentada como disponível a todos, o evidencial utilizado não apresenta marcas de subjetividade.

Com relação ao item (c) é necessário ressaltar que se trata de uma característica do discurso da autoajuda o descomprometimento com relação às avaliações de incerteza, uma vez que a manifestação de certeza é um dos traços avaliados como positivo por esse discurso, sendo uma de suas teses principais a ideia de que "é preciso acreditar para alcançar seus objetivos". Esse descomprometimento também se mostra no item (f), no qual os evidenciais de inferência, que, ao mesmo tempo em que marcam a fonte da informação, também marcam o (des)comprometimento do falante com relação à veracidade da proposição, são predominantemente formas em que não se encontra marcas de subjetividade, com exceção de casos em que a forma comprometida é utilizada de maneira irônica.

A escolha temática no discurso da autoajuda resultou em diferenças no uso dos modalizadores e evidenciais. Uma diferença encontrada no uso dos modalizadores epistêmicos foi a preferência do enunciador da autoajuda da saúde por modalizadores da camada do Estado-de-Coisas e do enunciador da autoajuda genérica por modalizadores da camada da Proposição. Vimos, em nossa análise, que essa escolha do enunciador da autoajuda da saúde se deu em função de uma relação intertextual com o discurso científico. Ao realizar suas avaliações por meio de modais epistêmicos localizados na camada do Estado-de-Coisas, o falante avalia a possibilidade de ocorrência de um evento sem mostrar comprometimento com relação à avaliação realizada, tornando sua avaliação menos parcial. Vimos, também, que essa característica se dá por uma antecipação do enunciador da autoajuda da saúde com relação às possíveis objeções de seu interlocutor com relação às teses apresentadas, como a de que é possível curar qualquer doença por meio do poder da mente.

Além disso, vimos que o enunciador da autoajuda da saúde realiza mais avaliações de possibilidade do que o enunciador da autoajuda genérica. Esse fato, entretanto, não resultou em incoerência da parte do enunciador da autoajuda da saúde, uma vez que a grande maioria das ocorrências de avaliações possibilidade foi realizada por meio de modalizadores epistêmicos orientados para o evento, o que significa que essas avaliações não são assumidas pelo enunciador.

Outra diferença encontrada entre os dois tipos de discurso da autoajuda foi o comportamento mais impositivo do enunciador da autoajuda genérica. Essa característica foi mostrada por meio da análise do comportamento dos modalizadores deônticos e dinâmicos, primeiramente, na frequência desses modalizadores com relação ao total de ocorrências de todos os domínios semânticos modais. Embora o domínio epistêmico fosse o mais frequente (cerca de 50% das ocorrências) nos dois tipos de discurso da autoajuda, na autoajuda genérica as avaliações dinâmicas foram cerca de 10% mais frequentes do que na autoajuda da saúde. As avaliações deônticas, por sua vez, foram apenas cerca de 4% mais frequentes, o que a princípio, não indicaria maior imposição do enunciador.

Contudo, ao analisarmos mais detalhadamente esse domínio modal, verificamos que a diretividade mais impositiva realmente se configurou como característica do discurso da autoajuda genérica. Ao analisarmos os valores da avaliação deôntica, notamos que o enunciador da autoajuda genérica realizou com mais frequência avaliações com os valores de obrigação e necessidade, enquanto o enunciador da autoajuda da saúde realizou com mais frequência avaliações somente de necessidade.

Verificamos, também, que as avaliações deônticas do enunciador da autoajuda genérica foram, em sua maioria, realizadas por meio de modalizadores orientados para o participante, enquanto as avaliações do enunciador da autoajuda da saúde foram realizadas

por meio de modalizadores orientados para o evento. Ao realizar modalizações deônticas orientadas para o evento, o falante caracteriza o dever como genericamente imposto, comprometendo-se menos com relação à avaliação.

Com relação aos modalizadores deônticos orientados para o participante, investigamos também a inclusão do falante como alvo da avaliação deôntica. A inclusão do falante pode ser vista como uma estratégia de mitigação da instauração do dever. Como resultado da análise, verificamos que o enunciador da autoajuda genérica incluiu-se com uma frequência expressivamente menor do que o enunciador da autoajuda da saúde.

A análise dos modalizadores dinâmicos, por sua vez, mostrou que o enunciador da autoajuda genérica realiza com mais frequência avaliações de capacidade sobre seu interlocutor do que o enunciador da autoajuda da saúde.

As relações intertextuais apontadas na análise dos modalizadores epistêmicos também foram identificadas no uso dos evidenciais. Na análise da fonte da informação indicada pelos evidenciais, identificamos a preferência do enunciador da autoajuda genérica por inferências, em contraste com a preferência do enunciador da autoajuda da saúde por evidenciais reportativos. Ao atribuir a fonte da informação a outra pessoa, o enunciador da autoajuda da saúde mostra-se menos parcial, ao mesmo tempo em que mostra maior credibilidade ao identificar essas fontes. Citando, Carl Jung e outros cientistas, o enunciador da autoajuda da saúde mostra que realizou uma pesquisa sobre o assunto. O enunciador da autoajuda genérica, por outro lado, não antecipa nenhuma objeção científica, resultando em um uso diferenciado do discurso da autoajuda da saúde.

Essas diferenças, embora possam caracterizar discursos com temáticas diferentes, não são suficientes para caracterizar o discurso da autoajuda com temática sobre saúde como um discurso distinto do discurso da autoajuda genérica, pois as principais características do

discurso da autoajuda se mantiveram, como, por exemplo, a manifestação da certeza como traço positivo desse discurso. No uso dos modalizadores epistêmicos, como vimos anteriormente, ficou claro o descomprometimento do falante quando a avaliação epistêmica realizada era de possibilidade em ambas as temáticas.

Por fim, é necessário ressaltar que as semelhanças e diferenças no uso dos modalizadores e evidenciais apresentadas acima não poderiam ter sido mostradas não fosse a visão de língua adotada pela linguística funcional. Entendendo a língua como instrumento de interação, vimos que as escolhas formais do falante não são aleatórias; no momento de construção do enunciado, o falante antecipa as possíveis reações de seu interlocutor, escolhendo as formas linguísticas que considera mais adequada para atingir seu objetivo comunicativo.

Por outro lado, a análise dessas estratégias não estaria completa sem uma visão estratificada da língua, que nos permitiu identificar com maior exatidão o funcionamento da modalidade e evidencialidade, mostrando o maior ou menor comprometimento do falante com relação às avaliações realizadas.

Esperamos, assim, que o presente trabalho tenha contribuído para o melhor entendimento do uso dos modalizadores e evidenciais e sua aplicação nas relações interdiscursivas, abrindo também novas possibilidades para o estudo do discurso da autoajuda.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AIKHENVALD, A. Y. *Evidentiality*. Oxford University Press, 2004.
- BAKHTIN, M. Questões de literatura e de estética: a teoria do romance. São Paulo: Hucitec, 1998.
- _____. Estética da criação verbal. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BRUNELLI, A.F. *O sucesso está em suas mãos: análise do discurso de auto-ajuda*. 2004. 149f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- BRUNELLI, A. F.; DALL'AGLIO-HATTNER, M.M. A qualificação do dever: diálogo entre a análise do discurso e a abordagem funcional. *Revista do GEL* (Araraquara), v. 6, p. 179-190, 2009.
- CAIRO, C. *Linguagem do Corpo*. São Paulo: Mercuryo, 1999.
- CASIMIRO, S. *Um estudo das modalidades deôntica e volitiva nos discursos do presidente Lula*. 2007. 107f. Dissertação (Mestrado em Análise Lingüística) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Câmpus de São José do Rio Preto, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2007.
- CERVONI, J. *A enunciação*. São Paulo: Ática, 1989.
- CHAFE, W. Evidentiality in English conversation and academic writing. In: CHAFE, W.; NICHOLS, J. (Ed.). *Evidentiality: The linguistic coding of epistemology*. Norwood, New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1986, p.261-72.
- CORACINI, M.J. *Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência*. São Paulo: Educ/ Campinas: Pontes, 1991.
- DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. *A manifestação da modalidade epistêmica: um exercício de análise nos discursos do ex-presidente Collor*. 1995. 163f. Tese (Doutorado em Letras: Lingüística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1995.
- _____. *Evidencialidade e modalidade: forma e função*. (Relatório de pesquisa). São Paulo: FAPESP, 2001.
- De HAAN, F. Encoding speaker perspective: evidentials. In: FRAJZYNGIER, Z.; HODGES, A.; ROOD, D. (Ed.). *Linguistic diversity and language theories*. Amsterdam: Benjamins, 2005. p.379-397.
- DENDALE, P.; TASMOWSKI, L. Présentation. L'évidentialité ou le marquage des sources du savoir. *Langue Française*, v. 102, p.3-7, 1994.
- DIK, S. *The Theory of Functional Grammar*. Pt 1. The Structure of the Clause. Dordrecht: Foris Publications, 1989.

_____. *The Theory of Functional Grammar*. Pt 2. Complex and derived constructions. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997.

FERREIRA, L. M. A indeterminação do significado como reflexo da mudança linguística: o caso do verbo dever. In: *Intercâmbio*. São Paulo, v. 8, p. 409-414, 1999.

FIORIN, J.S. *O regime de 1964: discurso e ideologia*. São Paulo: Atual, 1988.

FOLEY, W.; VAN VALIN, R. D. *Functional syntax and universal grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

GASPARETTO, L.A; VALCAPELLI. *Metafísica da Saúde - Vol.1*. São Paulo: Vida e Consciência, 2003.

GRISWOLD, A. W. New Thought: A Cult of Success. *The American Journal of Sociology*, Vol. 40, No. 3 , pp. 309-318, 1934.

HALLIDAY, M. A. K. Functional diversity in language as seen from a consideration of modality and mood in English. In: *Foundations of Language*, 6, 322-361, 1970.

_____. *An Introduction to Functional Grammar*, Londres: Edward Arnold, 1985.

HENGVELD, K. Clause structure and modality in Functional Grammar. In: AUWERA, J. Van der; GOSSENS, L. (Eds.). *Ins and outs of predication*. Dordrecht: Foris, p.53-66, 1987.

_____. Illocution, mood and modality in a functional grammar of Spanish. In: *Journal of Semantics*, 6, p.227-269, 1988.

_____. Layers and operators in Functional Grammar. In: *Journal of Linguistics*, 25, p.127-157.

HENGVELD, K; MACKENZIE, L. *Functional Discourse Grammar*. Oxford University Press, 2008.

KOCH, I. G.V. O verbo poder numa gramática comunicativa do Português. *Cadernos da PUC: Arte e Linguagem*. São Paulo: Cortez, n.8, p.103-113, 1981.

LYONS, J. *Introduction to theoretical linguistics*. Cambridge, England: Cambridge University, 1968.

_____. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977. v.2.

MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Trad. Sírío Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2007.

NEVES, M.H.M.. A modalidade: um estudo de base funcionalista na Língua Portuguesa. *Revista Portuguesa de Filologia*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Língua e Literatura Portuguesas, vol.XXIII, p.97-123, 1999-2000.

NUYTS, J. Epistemic modal adverbs and adjectives and the layered representation of conceptual and linguistic structure. *Linguistics*, v. 31, p.933-69, 1993.

OLIVEIRA, F. *Os segredos da prosperidade*. Rio de Janeiro: Seame, 1997.

PALMER, F.R. *Modality and the English Modals*. New York: Longman, 1979.

_____. *Mood and modality*. New York: Cambridge University Press, 1986.

PEZATTI, E. G. O Funcionalismo em Lingüística. In: Anna Cristina Bentes; Fernanda Mussalim. (Org.). *Introdução à Lingüística: fundamentos epistemológicos*. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2004, v. 3, p. 165-218.

PRADO, L. *Alegria e triunfo*. São Paulo: Pensamento, 1991.

QUIRK, R. et al. *A comprehensive grammar of the English language*. Londres: Longman, 1985.

RIBEIRO, L. *O sucesso não ocorre por acaso*. Rio de Janeiro: Rosas dos Tempos, 1992.

RICARDINO, L. *Parabéns pela decisão de ser feliz: a busca do ser*. São Paulo: STS, 1997.

RÜDIGER, F. *Literatura de auto-ajuda e individualismo: contribuição ao estudo da subjetividade na cultura de massa contemporânea*. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 1996.

SILVA, M. A. D. da. *Quem ama não adoece*. São Paulo: Best Seller, 1994.

TREVISAN, L. *Cure-se: você é seu próprio remédio*. Santa Maria: Mente, 1998.

VAN VALIN, R.D. & LA POLLA, R.J. *Syntax. Structure, meaning and function*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

VENDRAME, V. *A evidencialidade em construções complexas*. 2005. 115p. Dissertação (Mestrado em Análise Lingüística) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Câmpus de São José do Rio Preto, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2005.

_____. *Os verbos de percepção ver, ouvir e sentir e a expressão da evidencialidade em língua portuguesa*. 2010. 173f. Tese (Doutorado em Análise Linguística) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Câmpus de São José do Rio Preto, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São José do Rio Preto, 2010.

VERSTRAETE, J. C. Subjective and objective modality: Interpersonal and Ideational functions in the English modal auxiliary system. In: *Journal of Pragmatics*, 33, p.1505-1528, 2001.

_____. The problem of subjective modality in the Functional Grammar model. In: MACKENZIE, J. L.; GOMEZ-GONZALEZ, M. *A new architecture for Functional Grammar* (Functional Grammar series 24). Berlim: Mouton, p.243-274, 2004.

WILLET, T. A cross-linguistic survey of the grammaticalization of evidentiality. *Studies in Language*, v.12, 1, p.51-97, 1988.

Autorizo a reprodução deste trabalho.

São José do Rio Preto, 25 de agosto de 2011

GEORGE HENRIQUE NAGAMURA